

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

**FERNANDO CESAR ARNONI**

**O SUICÍDIO DE ADOLESCENTES NO ROMANCE AS VIRGENS SUICIDAS  
(1993) DE JEFFREY EUGENIDES SOB A LUZ DO PENSAMENTO DE KARL  
MARX E SUA OBRA SOBRE O SUICÍDIO (1846)**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR**

**2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

**FERNANDO CESAR ARNONI**

**O SUICÍDIO DE ADOLESCENTES NO ROMANCE AS VIRGENS SUICIDAS**  
**(1993) DE JEFFREY EUGENIDES SOB A LUZ DO PENSAMENTO DE KARL**  
**MARX E SUA OBRA SOBRE O SUICÍDIO (1846)**

Texto apresentado à banca avaliadora como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

Área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida Darc de Souza

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON**

**2021**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Arnoni, Fernando Cesar  
O SUICÍDIO DE ADOLESCENTES NO ROMANCE AS VIRGENS SUICIDAS (1993) DE JEFFREY EUGENIDES SOB A LUZ DO PENSAMENTO DE KARL MARX E SUA OBRA SOBRE O SUICÍDIO (1846) / Fernando Cesar Arnoni; orientador(a), Aparecida Darc de Souza, 2021.  
85 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Graduação em História Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

1. Suicídio. 2. História. 3. Literatura. 4. Adolescentes.  
I. Souza, Aparecida Darc de. II. Título.



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46  
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>  
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000  
Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

### Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FERNANDO CESAR ARNONI, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 31 dia(s) do mês de março de 2021 às 14h00min, no(a) via remota de forma síncrona, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Fernando Cesar Arnoni, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Aparecida Darc de Souza, Antonio de Padua Bosi, Sergio Paulo Morais, Lucas Berno Kolln. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Aparecida Darc de Souza, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "O suicídio de adolescentes no romance as virgens suicidas (1993) de Jeffrey Eugenides sob a luz do pensamento de Karl Marx e sua obra sobre o suicídio (1846)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Antonio de Padua Bosi, Sergio Paulo Morais, Lucas Berno Kolln. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).

---

Orientador(a) - Aparecida Darc de Souza

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

---

Sergio Paulo Morais

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

### Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FERNANDO CESAR ARNONI, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

\_\_\_\_\_  
Antonio de Padua Bosi

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

\_\_\_\_\_  
Lucas Berno Kolln

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

\_\_\_\_\_  
Fernando Cesar Arnoni

Aluno(a)

\_\_\_\_\_  
Coordenadora Especial do Programa de Pós-Graduação em História  
Carla Luciana Souza da Silva

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA  
DE Mestrado REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR  
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof.(a) Dr.(a) **Aparecida Darc de Souza**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) **Fernando Cesar Arnoni**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado, na banca realizad **Aprovado** a na data de 31 de março 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,



---

Aparecida Darc de Souza  
Instituição:

UNIOESTE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA  
DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR  
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof. Dr. **Sérgio Paulo Morais**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) **Fernando Cesar Arnoni**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato pode ser considerado APROVADO, na banca realizada na data de 31 de março 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,



---

Sérgio Paulo Morais  
Universidade Federal de Uberlândia.

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA  
DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR  
VIDEOCONFERÊNCIA**

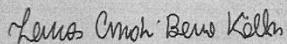
Eu, Prof. Dr. **Lucas André Berno Kölln**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato **Fernando Cesar Arnoni**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro da casa**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato pode ser considerado **APROVADO**, na banca realizada na data de 31 de março 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

O candidato foi considerado aprovado sem restrições. As observações foram feitas oralmente e encaminhadas por escrito ao candidato e à orientadora.

Atenciosamente,



---

Lucas André Berno Kölln  
Unioeste

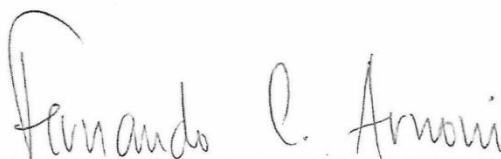


**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE Mestrado PARA  
BANCA EXAMINADORA REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA  
SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, discente **FERNANDO CESAR ARNONI**, declaro que realizei a minha DEFESA DE Mestrado à distância, de forma síncrona e por videoconferência do trabalho intitulado: **O SUICÍDIO DE ADOLESCENTES NO ROMANCE AS VIRGENS SUICIDAS (1993) DE JEFFREY EUGENIDES SOB A LUZ DO PENSAMENTO DE KARL MARX E SUA OBRA SOBRE O SUICÍDIO (1846)** para banca examinadora realizada na data de 31 de março 2021.

Atenciosamente,



---

Fernando Cesar Arnoni

Programa de Pós-Graduação em História Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA  
DE Mestrado REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR  
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Prof.(a) Dr.(a) **ANTONIO DE PÁDUA BOSI**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História do(a) candidato(a) **FERNANDO CESAR ARNONI**, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidato(a) pode ser considerado(a) **APROVADO(A)**, na banca realizada na data de 31 de março de 2021.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, which appears to read "Antonio de Pádua Bosi".

---

Antonio de Pádua Bosi  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

*Dedico este trabalho a todos os adolescentes que me inspiraram e continuam me inspirando a continuar nessa verdadeira aventura que é a educação. Dedico também à memória de meu avô, Francisco.*

## AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, Aparecida Darc de Souza, que me ensinou muito além da escrita da História. Obrigado por toda paciência, a maior de todas as virtudes! Aprendi com a senhora que é possível olhar as coisas de outra forma, com otimismo, sem jamais baixar a guarda. O tempo todo me senti seguro andando ao seu lado.

À minha esposa, Nádia, pelo incentivo incondicional e aos meus filhos, Amanda e Augusto, por me aturarem em meus piores dias, exemplo espontâneo de resiliência.

Aos meus pais que sempre acreditaram e ainda acreditam na força da educação como instrumento de mudança social. Mesmo longe, estão sempre comigo.

Aos meus professores com quem me inspirei e me emocionei por várias vezes.

Ao Programa de Pós Graduação em História desta Instituição, que me acolheu desde o primeiro instante.

Aos meus colegas de turma, sempre me lembro de vocês com muito carinho.

Enfim, muito obrigado!

## RESUMO

ARNONI, Fernando Cesar. **O suicídio de adolescentes no romance *As virgens suicidas* (1993) de Jeffrey Eugenides sob a luz do pensamento de Karl Marx e sua obra *Sobre o Suicídio* (1846)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Marechal Cândido Rondon, 2021.

O suicídio e o suicídio de adolescentes constituem importantes fenômenos sociais cuja abordagem exige transversalidade. Tema recorrente na literatura, nas mais diversas épocas, no romance *As virgens suicidas* (1993) de Jeffrey Eugenides encontramos importante relato sobre o suicídio de cinco irmãs adolescentes em meados do século XX, muito representativo de uma realidade e que nos serviu como fonte. Em Ciências Humanas, a sociologia tem importante contribuição para a análise do suicídio como fenômeno social desde o século XIX. Porém, é no trabalho de Karl Marx, na obra *Sobre o Suicídio* (1846), que encontramos o tema sistematizado pela primeira vez com subsídios suficientes para problematizar o suicídio de adolescentes enquanto fenômeno social e suas causas, sendo esse nosso principal objetivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Literatura; Suicídio; Adolescentes.

## ABSTRACT

ARNONI, Fernando Cesar. **Teenager suicide in the novel *The Virgin Suicides* (1993) by Jeffrey Eugenides through Karl Marx thoughts and his work *On Suicide* (1846).** Dissertation (Master's degree) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

Suicide and suicide among teenagers constitute an important social phenomenon whose approach requires transversality. As a recurring theme in literature in the most diverse times, in the novel *The Virgin Suicides* (1993) by Jeffrey Eugenides, an important account of the suicide of five teenage sisters in the mid-twentieth century is found, very representative of a reality and which was served as a source. In the humanities, sociology has made an important contribution to the analysis of suicide as a social phenomenon since the 19th century. However, it is with Karl Marx and his work *On Suicide* (1846) that we find the theme systematized for the first time with enough elements to problematize teenager suicide as a social phenomenon and its causes, which is our objective.

**KEYWORDS:** History; Literature; Suicide; Teenagers.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	13
INTRODUÇÃO .....	16
CAPÍTULO I .....	26
A QUESTÃO DO SUICÍDIO .....	26
1.1. Suicídio na História .....	26
1.2. Suicídio em Émile Durkheim .....	31
1.3. Suicídio em Karl Marx .....	39
CAPÍTULO 2 .....	50
2.1. História e romance: definindo um caminho de abordagem .....	50
2.2. Sociedade moderna e suicídio: As virgens suicidas no contexto .....	59
2.2.1. O romance .....	61
2.2.2. Os personagens .....	63
2.2.3. O lugar .....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78
REFERÊNCIAS .....	81

## INTRODUÇÃO



Viver é sofrer e sobreviver é encontrar um significado no sofrimento – Nietzsche.

O inferno do mundo excede o Inferno de Dante, no ponto em que cada um é o diabo do seu vizinho; há também um arquidiabo superior a todos os outros, é o conquistador que dispõe milhares de homens em frente uns dos outros e lhes brada: “Sofrer, morrer, é o vosso destino; portanto fuzilem-se, canhoneiem-se mutuamente!” e eles assim procedem – Schopenhauer<sup>1</sup>.

Do francês *suicide*, por analogia com homicídio, do latim *homicidium*, pela formação *sui* e *cidium*, de *caedere*, matar a si mesmo. O suicídio é um termo nascido na Inglaterra no século XVII. Segundo Minois (2018), a palavra, atualmente, é utilizada de maneira anacrônica. Para o autor de *História do Suicídio*, a palavra também é um neologismo que reflete o desejo de diferenciar esse ato do homicídio de um terceiro e pela necessidade de diferenciar o *self-killing* cristão condenável do *suicidium* pagão. Este último termo, construído a partir do latim *sui* (de si) e *caedes* (assassinato) é um termo aceito na França em meados do século XVIII. Para Minois (ibid.), é uma forma de redundância ou pleonasma: “se suicidar”. Na Inglaterra a forma verbal sequer existe: *suicide* é um substantivo. Enfim, é apenas no século XVIII que o termo inglês passou para o espanhol, o italiano e o português.

Mesmo sendo um tema clássico das Ciências Sociais, o suicídio tem sido negligenciado como objeto de estudos históricos e sociológicos e acredita-se que isso se deva à complexidade epistemológica inerente a essa temática, a qual exige uma

<sup>1</sup> Charge retirada do *Instagram* de Alberto Benett, publicada em 07 de fevereiro de 2021. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CK2t\\_bdlLaY/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CK2t_bdlLaY/?utm_source=ig_web_copy_link)>. Acesso em 14 de fevereiro de 2021.



abordagem metodológica multidisciplinar, desafiando uma série de paradigmas. Portanto, problematizar o suicídio é desafiar paradigmas, superando tabus.

Geralmente relacionado à Psicologia e Medicina, foi em maio de 1967, patrocinado pelo Centro de Estudos para a Prevenção do Suicídio e pelo Instituto Nacional de Higiene Mental, que o primeiro curso formal de Pós-Graduação em Suicidologia foi inaugurado na Escola de Medicina da Universidade John Hopkins pelo Departamento de Psiquiatria e Ciências do Comportamento, nos Estados Unidos. Todos os candidatos ao curso deveriam ter um PhD – equivalente ao Doutorado no Brasil - e pelo menos três anos de experiência como graduado. No primeiro ano, apresentaram-se 36 candidatos; no segundo, 57; o número foi crescendo.

A Suicidologia é, presentemente, um agregado de tópicos muitas vezes heterogêneos, mas relacionados uns aos outros por um repertório de "palavras-chave", de conceitos, de enfoques, que têm como centro o fenômeno referido como suicídio. O termo "suicidólogo" se ajusta àquele que tem de si mesmo uma imagem vinculada a vivências relacionadas com os problemas que o suicídio deflagra e que, em caráter permanente, interessa-se por problemas dessa natureza, tendo recebido uma formação científica especializada para com eles lidar.

No Brasil, em breve investigação sobre o termo, encontramos um curso de Pós-Graduação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, instituição privada que fornece uma especialização de 360 horas em Suicidologia, cujo ementário não contempla a abordagem histórica e/ou sociológica, o que vejo como um grande problema, já que, mesmo um curso relacionado à área médica, deveria considerar fazer uma abordagem interdisciplinar e, portanto, histórica e sociológica sobre o complexo fenômeno.

O suicídio, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), passou a ser encarado como problema de saúde pública a partir da década de 1990<sup>2</sup>. No Brasil, até o ano 2000, o suicídio não era visto como problema dessa natureza. Estima-se que cerca de 800.000 pessoas morrem por suicídio no mundo. Em 2020, a estimativa era de aproximadamente 1.600.000 mortes por suicídio, ainda sem considerarmos os fatores de risco que foram agravados por consequência da pandemia do Covid-19. Dados que

---

<sup>2</sup> Organização Pan-americana de Saúde a Organização Mundial de Saúde, Folha Informativa acesso em 04 de janeiro de 2021 - <https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio#:~:text=Cerca%20de%20800%20mil%20pessoas,entre%2015%20e%2029%20anos.>

ainda não foram comprovados e publicados oficialmente. É, portanto, um problema mundial de saúde pública.

Segundo a Folha Informativa da Organização Pan-Americana de Saúde e Organização Mundial de Saúde Brasil (OPAS/OMS), publicada em agosto de 2018 (FOLHA, 2018), a cada ano cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida e um número ainda maior de indivíduos tenta o suicídio. Em 2016, o suicídio foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo. Trata-se de um grave problema de saúde pública. Apesar do uso muitas vezes indiscriminado do termo, os critérios para a definição desse conceito podem ser encontrados a partir de sua natureza, extensão, severidade e significância e também a partir do interesse da comunidade, prevalência, gravidade e possibilidade de controle de uma doença ou fenômeno.

A Associação Brasileira de Psiquiatria e o Conselho Federal de Medicina, na *Cartilha: Suicídio, informando para prevenir*, lançada no ano de 2014, afirmam que:

Sabemos que quase todos os suicidas tinham uma doença mental, muitas vezes não diagnosticada, frequentemente não tratada ou não tratada de forma adequada. Os transtornos psiquiátricos mais comuns incluem depressão, transtorno bipolar, alcoolismo e abuso/dependência de outras drogas e transtornos de personalidade e esquizofrenia. Pacientes com múltiplas comorbidades psiquiátricas têm um risco aumentado, ou seja, quanto mais diagnósticos, maior o risco (OBP & CNM, 2014, p. 16 -17).

O documento referenciado é apenas um dos tantos documentos da área médica ou psicanalítica que se propõem a discutir a temática do suicídio e sua suposta possibilidade de prevenção, cancelados, inclusive, pela OMS – Organização Mundial de Saúde -, mas que, na realidade, restringem seus estudos à manifestação sintomática do fenômeno.

Vejamos o que afirma o diretor-geral da Organização Mundial de Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, em publicação no site das Nações Unidas: “Apesar do progresso, uma pessoa ainda morre a cada 40 segundos por suicídio”, disse às vésperas do Dia Mundial de Prevenção do Suicídio, no ano de 2019<sup>3</sup>.

Podemos observar tamanha contradição ao analisarmos o documento *Atlas da Violência*, de 2019, a saber:

Em 2017, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil. Esse número representa uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens no

---

<sup>3</sup> Extraído do site das Nações Unidas – Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-oms/>>. Acesso em: 11 de setembro de 2020.

país, taxa recorde nos últimos dez anos. Homicídios foram a causa de 51,8% dos óbitos de jovens de 15 a 19 anos; de 49,4% para pessoas de 20 a 24; e de 38,6% das mortes de jovens de 25 a 29 anos; tal quadro faz dos homicídios a principal causa de mortes entre os jovens brasileiros em 2017. (...) esse recorde nos índices da juventude perdida se dá exatamente no momento em que o país passa pela maior transição demográfica de sua história, rumo ao envelhecimento, o que impõe maior gravidade ao fenômeno.

De acordo com o documento, são 70 homicídios para cada 100.000 jovens no Brasil, índice dez vezes maior que a taxa de suicídios da mesma faixa de idade. Em sua grande maioria, os suicidas são jovens negros e pardos. Na sociedade contemporânea, atos e discursos em prol da vida são tidos como “naturais” e “óbvios”, rasurando a morte que não tem mais espaço na sociedade do capital.

É sabido que os maiores coeficientes de suicídio mudaram da faixa mais idosa da população para as faixas mais jovens. Historicamente mais comum entre os idosos, o ato vem crescendo entre pessoas de quinze a vinte e quatro anos. Um estudo de Bertolote e colaboradores (2010), publicado na Revista Brasileira de Psiquiatria, confirma essa tendência no Brasil: houve aumento de dez vezes na mortalidade por suicídio na referida faixa etária, entre os anos de 1980 e 2000 - considerando apenas os homens, esse índice aumentou 20 vezes. Um marco oficial importante dessa tendência crescente entre os jovens é que, desde 2003, o dia dez de setembro foi instituído como Dia Mundial de Prevenção do Suicídio com diversas atividades em todo mundo.

Em 1994, um garoto estadunidense de 17 anos se matou. O nome dele era Mike e ele era conhecido por sua personalidade caridosa e por sua habilidade mecânica. Restaurou um carro Ford Mustang, ano de 1968, e o pintou de amarelo. Os pais iniciaram um programa de prevenção de suicídio chamado “fita amarela”, que acabou se espalhando por todo o mundo. No Brasil, no ano de 2014, foi criada a campanha Setembro Amarelo, tendo como inspiração a referida data, o ocorrido e a cor da fita. Fato é que pouco tempo atrás, o suicídio não era visto como um problema de saúde pública em nosso país. No entanto, a necessidade de se discutir a violência, de modo geral, trouxe essa e outras questões.

Os números oficiais registram cerca de 10 mil mortes por suicídio por ano no Brasil, com valores estáveis ao longo dos últimos anos (BRASIL, 2017). A taxa bruta de suicídio foi de 5,5 para 100 mil em 2015. Segundo o relatório *Suicide in the world Global Health Estimates*, da Organização Mundial de Saúde de 2019, em alguns países

do continente africano, com relação ao sexo masculino, essa taxa chega a 45 para cada 100 mil.

Como aponta José Benevides Queiroz (2017), este fenômeno, no entanto, não ficou recluso no passado. À medida que a modernidade aprofundou as transformações sociais, que pouco a pouco se expandiram e alcançaram novas regiões e povos, o suicídio passou a ser um problema em quase todos os países. No presente, pelo último relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2014, a taxa mundial de suicídio atingiu o índice de 11,4 suicídios a cada 100 mil habitantes (FOLHA, 2018). Segundo o mesmo informe, além das mais de 800 mil pessoas que se suicidam todos os anos, como dito anteriormente, em 2020, devemos ter alcançado a cifra de 1,6 milhão de mortes por suicídio no mundo (SUICIDE, 2019), dados que ainda não puderam ser oficialmente confirmados.

Mas foi em meados do século XIX que o suicídio se transformou em uma dura realidade da chamada Idade Contemporânea europeia, apresentando quase todos os países taxas significativas e constantes de suicídios. Objeto de reflexão das mais variadas disciplinas e áreas de conhecimento, incluindo aqui a literatura e a Filosofia, é na Sociologia que encontramos importante trabalho sobre o suicídio como fenômeno social, para refletirmos mais especificamente sobre os objetivos desta pesquisa.

O problema do suicídio sempre me exerceu certo fascínio. Demorei um tempo para aceitar, entender e superar a morte voluntária de meu avô paterno, ocorrida em 1998, aos 94 anos. Francisco estava completamente lúcido e a decisão de encerrar a própria vida de forma voluntária sempre me intrigou. A história do suicídio de meu avô foi determinante para a escolha de meu tema de pesquisa. A memória na história é habitualmente relacionada a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados ou aquilo que um indivíduo representa como passado. É um processo impreciso, não linear e não cronológico, mas que, no meu caso, estava (sub)consciente e latente, manifestando-se quando já havia iniciado o trabalho da escrita deste texto.

Meu avô não deixou nada escrito, nenhum sinal, como era de se esperar. Os que ficam têm a missão de tentar desvendar os porquês de alguém ter se desenganado sobre a própria vida, ou, é o que eu sinto. Esta experiência certamente atravessou nossa interpretação do romance *As virgens suicidas*, do escritor estadunidense Jeffrey Eugenides, publicado pela primeira vez em 1993, nossa fonte literária. É sabido que a memória tem um elemento afetivo muito forte que influencia na construção do sentido do passado. Cruzar a memória do suicídio do meu avô com o enredo do romance pode

me esclarecer, a partir de uma perspectiva crítica, sobre o fenômeno do suicídio como um todo.

Durante minha Graduação em Ciências Sociais, fui apresentado à teoria sociológica de Émile Durkheim, apesar de, na época, não ter lido por completo sua obra mais famosa, *O Suicídio: estudo de Sociologia*, publicada pela primeira vez em 1897. Para além desse clássico da sociologia e do estudo estatístico sobre o suicídio em Durkheim, é também em Marx, em seu livro *Sobre o Suicídio* de 1846, que esse problema passa a ser encarado como um fenômeno social.

Até meados de 2014, trabalhei como educador social em uma unidade de internação de adolescentes (CENSE – Centro de Socioeducação) em Cascavel-PR, onde exerci função análoga a de um agente penitenciário e, lá, tive a oportunidade de trabalhar com meninos adolescentes em condições muito adversas. Deparei-me com adolescentes que haviam sofrido todo tipo de privações e cometido os mais violentos tipos de atos infracionais. De todos os problemas, recorde-me que os suicidas eram um dos maiores desafios a serem enfrentados no ambiente intramuros, onde os adolescentes permaneciam sob a tutela do Estado. Após minha exoneração do trabalho como educador social, passei a trabalhar somente como professor, seguindo minha formação em licenciatura. Foi quando tomei conhecimento do PPGH em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE em Marechal Cândido Rondon-PR, ingressando em 2018 na instituição.

Meu primeiro projeto de pesquisa tinha como tema o cotidiano dos CENSEs<sup>4</sup>. Com as aulas na disciplina de Seminário de Pesquisa e investigando sobre os CENSEs, encontrei reportagens sobre dois suicídios de adolescentes que ocorreram em curto espaço de tempo no interior do CENSE de Cascavel II, local onde eu trabalhava. Os dois por enforcamento, nos anos de 2008 e 2017. O depoimento das mães aos jornais e o posicionamento do Estado mais uma vez me intrigaram e acabei decidindo investigar sobre as unidades de internação e seus documentos oficiais, incluindo os protocolos de prevenção de suicídio internos e externos e quais os fatores ou condicionantes sociais que teriam levado esses adolescentes à morte voluntária.

---

<sup>4</sup> Um CENSE abriga adolescentes do sexo masculino ou feminino que cometeram ato infracional e que, posterior ao julgamento, são sentenciados ao cumprimento de medida socioeducativa de internação, de acordo com o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990). Permanecem internados de seis meses até três anos. O Estado do Paraná possui 20 CENSEs que abrigam, em média, 80 adolescentes cada.

Pelo documento *Livro de Ocorrência*, que registra a rotina diária de cada uma das casas (no CENSE Cascavel II, são oito casas com dez adolescentes em cada, alojados individualmente), era possível chegar até os adolescentes. Os protocolos exigidos pela burocracia para permitir o acesso a tais documentos se mostraram para mim impossíveis de serem cumpridos. A burocracia para o acesso a esses documentos que, especialmente no caso dos adolescentes, era ainda mais rigorosa, associada ao pouco tempo que eu teria para me dedicar exclusivamente à pesquisa por conta do meu trabalho como professor e à vida no geral, exigiram a troca das fontes e um ajuste no projeto de pesquisa.

A sugestão, durante reunião de orientação, foi trabalhar com uma fonte literária, no caso, o romance *As virgens suicidas* do americano Jeffrey Eugenides, adaptado para o cinema com o mesmo nome, pela diretora Sofia Coppola em 1999, quando o livro se tornou bastante conhecido, preservando, dessa forma a temática. Sobre o romance, o enredo se passa num subúrbio da cidade norte-americana de Detroit, no Estado de Michigan, na década de 1970, onde um pai e uma mãe muito religiosos e conservadores e suas cinco filhas, entre 13 e 17 anos, vivem um tipo de educação extremamente rígida, fundamentada em preceitos morais que limitam quase que completamente a vida dessas cinco meninas e suas experiências enquanto adolescentes. Aos olhos da vizinhança, as jovens são vistas como “esquisitas”, mas, para um grupo de meninos da mesma vizinhança e que frequentavam o mesmo colégio, do qual o próprio Eugenides fazia parte, elas eram encantadoras, como se fossem anjos que nunca conseguiram compreender e sempre sonharam em tocar.

O título do livro chama muita atenção: já sabemos que, no decorrer da história, todas as cinco irmãs se suicidam, o que faz com que a leitura seja um tanto quanto angustiante. Mas por que elas decidem fugir para a morte e não para a vida? Por que o suicídio passa a ser única rota possível para fuga? Afinal, o que as impediu de viver a vida? Que determinado tipo social as irmãs Lisbon representam dentro dessa realidade histórica? Assim como meu avô, as Lisbon tinham um plano e o executaram. Não estavam pedindo socorro, mas acendendo um sinal vermelho em forma de um alerta altruísta para a humanidade<sup>5</sup>.

Para a Associação Brasileira de Psiquiatria e o Conselho Federal de Medicina, o suicídio pode ser definido como um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo,

---

<sup>5</sup> Essa noção de suicídio altruísta será trabalhada mais adiante.

cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredita ser letal. Também fazem parte do que habitualmente chamamos de comportamento suicida os pensamentos, os planos e a tentativa de suicídio (SUICÍDIO, 2014, p. 9).

O suicídio é um fenômeno presente ao longo de toda a história da humanidade, em todas as culturas. É um comportamento com determinantes multifatoriais e resultado de uma complexa interação entre esses fatores. Durante séculos de nossa história, por razões religiosas, morais e culturais, o suicídio foi considerado um grande “pecado”, talvez o pior deles. Por esta razão, ainda temos medo e vergonha de falar abertamente sobre esse importante problema de saúde pública. No romance, o problema aparece de forma poética e escancarada. No caso de meu avô, de forma cotidiana, sem qualquer espetacularização.

A escolha em dialogar com Émile Durkheim e Karl Marx ocorreu no sentido de que esses autores foram os primeiros a tratar sobre o problema do suicídio, a partir de uma perspectiva histórica e sociológica, já em meados do século XIX, rompendo com o paradigma de que o suicídio era um problema tão somente da Medicina, perspectiva dominante na época. Marx, em especial, será o instrumento utilizado na reflexão sobre o romance *As virgens suicidas* e a escrita do capítulo dois. Explicar o porquê das irmãs se suicidarem é nosso grande desafio.

Karl Marx escreve o livro *Sobre o Suicídio* em 1846, e este é um de seus textos menos conhecidos do público em geral, centrando sua reflexão nos episódios aparentemente isolados do suicídio de três mulheres membros de famílias burguesas, na França do século XVIII. Por intermédio de um oficial da polícia francesa, teve acesso aos documentos e, a partir de então, teceu sua reflexão. O aborto, a virgindade e o ciúme já estavam presentes nas reflexões sobre o suicídio na metade do século XIX. Por ironia, décadas depois duas de suas filhas, Eleanor e Laura Marx, também se suicidaram.

Em 1897, quarenta anos depois, Durkheim lança o que, desde então, tornar-se-ia sua obra mais famosa, *O Suicídio: estudo de Sociologia*, obra controversa para alguns, mas que, de uma vez por todas, deu à Sociologia o estatuto teórico de ciência e cujo método pôde ser aplicado ao estudo de um fenômeno até então limitado a uma abordagem médica.

No primeiro capítulo deste trabalho, pretendi, a partir da leitura dos dois autores clássicos, mas tendo Marx como referencial teórico principal, articular suas teorias ao

meu objeto de estudos que é o suicídio de adolescentes. Os dados mais recentes indicam que o suicídio se tornou um problema de saúde pública e acreditamos que o fenômeno deve, a partir de então, ser tratado de forma multidisciplinar e transversal. Mesmo admitindo essa transversalidade necessária, é bastante incomum, no Brasil, uma abordagem histórica ou sociológica sobre o tema.

Durkheim exemplificou em seu livro quatro tipos de suicídios: o egoísta, o anômico, o altruísta e o fatalista e, a partir de um grande número de dados estatísticos de óbitos por suicídio de vários países, além da França, construiu seu argumento de que o suicídio é um fenômeno social e, portanto, suas causas são sociais.

Marx, ainda que fosse ciente de que os homens se suicidam em um número muito superior às mulheres, escolheu contar a história de três figuras femininas cujas vidas e seus desfechos são muito representativos da realidade social de que o próprio fazia parte. Fez uma crítica da vida privada quando narrou a história dessas mulheres que tiraram a própria vida muito provavelmente por não suportarem determinadas pressões sociais em uma sociedade machista e patriarcal.

Aparentemente, hoje, os indivíduos têm muito mais oportunidade de moldar suas próprias vidas do que antes. Antigamente a tradição e o costume exerciam uma forte influência sobre a trajetória de vida das pessoas. Fatores como classe social, gênero, etnicidade e até filiação religiosa poderiam fechar certos caminhos para os indivíduos e até abrir outros. No passado, as identidades pessoais dos indivíduos eram formadas no contexto da comunidade em que nasciam. Valores, estilos de vida e éticas predominantes nessa comunidade forneciam diretrizes relativamente fixas, segundo as quais as pessoas viviam suas vidas.

Uma das melhores leituras sobre Marx a respeito deste ponto ainda é a de Marshall Berman (1990). Para ele, a burguesia iniciou uma época de niilismo. Sua dominação como classe social exigiu transformações permanentes nos modos de viver e trabalhar, o que Marx definiu como uma necessidade de “revolucionar constantemente os meios de produção” (BERMAN, 1990, p. 93). Em uma sociedade onde todas as relações deveriam ser mercantilizadas, nada na vida social deveria ser feito para durar, de produtos a valores e sentimentos. Portanto, ao caracterizar a sociedade capitalista, a partir da metáfora “tudo que é sólido se desmancha no ar”, Marx, na visão de Berman, estava falando de um novo tipo de solidão vivida pelo homem: ver-se no mundo povoado por pessoas e sentir-se só.



Esta sociedade, em que aparentemente estamos todos conectados, também nos causa a sensação de não estarmos conectados a ninguém, em uma experiência de vazio existencial que, bem provavelmente, incide muito mais sobre adolescentes. Esses novos padrões são também fortemente vivenciados por eles que, transitando da infância para a vida adulta, sofrem profundas alterações na relação com seu próprio corpo, com os pais, com o grupo de iguais e com o mundo. Em um mundo de incertezas e angústias, por vezes, a única rota de fuga é a morte. Se considerarmos o contexto de isolamento e distanciamento por conta da pandemia do chamado “corona vírus”, então, o problema se agrava ainda mais.

No segundo capítulo, pretendi contar um pouco da trajetória da família Lisbon no romance *As virgens suicidas* de Jeffrey Eugenides, tentando compreender quais os fatores sociais que foram condicionantes para o suicídio das cinco irmãs e utilizar de meu referencial teórico para comprovar a hipótese de que uma vida de adolescentes radicalmente privada de experiências próprias a essa faixa etária pode ter consequências desastrosas. As irmãs Cecília, Lux, Bonnie, Mary e Thereza, respectivamente, com treze, catorze, quinze, dezesseis e dezessete anos, vivem sob o jugo de uma educação extremamente rígida, em uma época na qual uma das bandeiras levantadas era a da liberdade sexual, em uma sociedade que prometia o prazer, mas que, na verdade, entregou-lhes o sofrimento e as pressões.

Em linhas gerais, a estrutura da Dissertação se resume a uma introdução, um primeiro capítulo com mais desenvolvimento dos referenciais teóricos, um segundo capítulo com a análise interna e externa do romance como fonte histórica e literária, sob a luz de Marx, além das considerações finais.

## CAPÍTULO I

### A QUESTÃO DO SUICÍDIO

#### *1.1. Suicídio na História*

Para Minois (2018), durante a Idade Média a literatura ilustrava uma visão dicotômica do suicídio, condenável por um lado e louvável por outro. A condenação se dava em nome dos valores cristãos. O desrespeito a esses valores seria o resultado do desespero inspirado pelo diabo e escolher por esse caminho levaria os homens direto ao inferno. Portanto, os suicidas não eram dignos de qualquer admiração. Em contrapartida, o cavaleiro e o clérigo que, por ventura, matavam-se para escapar da humilhação eram considerados corajosos em uma demonstração de fé: “O suicídio do nobre ou é do tipo altruísta, quando ele se sacrifica pela causa que defende, ou é provocado pelo amor, pela cólera ou pela loucura: nos dois casos, é justificável” (MINOIS, 2018, p. 17-18). Dependendo do estrato social ao qual o indivíduo pertencia, as perspectivas com relação ao suicídio eram completamente distintas. Para os “debaixo”, um pecado; para os “de cima”, demonstração de honra e coragem.

Este tipo de abordagem do fenômeno, bastante comum durante a Idade Média, perdurou, pelo menos, até meados do século XVIII, quando ainda proliferavam na Europa tratados contra o suicídio. Em geral, recorria-se a velhos argumentos: matar-se é um crime contra Deus, contra a sociedade e contra as leis. Afirma Minois (ibid.) que, naquela época, dicionários e enciclopédias estampavam no verbete “suicídio” opiniões profundamente desfavoráveis, como, por exemplo, a ideia de que a morte voluntária era a receita dos covardes e não perdiam tempo em censurar o mau exemplo dado pela literatura e suas adaptações para o teatro, acusados de apologia.

Os filósofos não foram indiferentes à questão e muitos se referiram a ela em um momento ou outro, contribuindo no debate a ponto de seus adversários responsabilizá-los pelo aumento dos casos de suicídio. A doutrina católica, no geral, também se preocupava com as ideias favoráveis ao suicídio, porém, as acusações são um tanto contraditórias: por um lado, responsabilizavam-se os filósofos, que eram acusados de uma certa inclinação na defesa do ateísmo e do “espírito filosófico livre”, pelo aumento do suicídio e, por outro, as pessoas se suicidavam também por um excesso de fervor

religioso. Neste caso, dois lados se defrontavam: o da “moral tradicional”, defendido pela Igreja Católica, e o da “moral racional”, conciliadora e crítica, baseada em valores mais humanistas que religiosos, defendidos pelos partidários do “espírito filosófico”.

Esse cristianismo defendia a ideia de que a alma era eterna e de que valeria mais a vida no além do que esta vida na qual o sofrimento se apresenta. Esta última é a vida daqueles que precisam pagar pelos seus pecados, sendo inadmissível encerrá-la de forma deliberada. Diante das dificuldades e amarguras da vida, o homem cristão medieval aprendeu a recorrer ao seu Deus, reforçando sua fé inabalável no além e acusava os filósofos de defender, de certa forma, a prática do suicídio. Para Minois (2018), os primeiros acusavam os últimos de defender a desmoralização e a corrupção dos costumes, favorecendo o suicídio livre. Não era exatamente isso o que ocorria.

Os chamados “filósofos das luzes” estão longe de serem apologistas do suicídio, sendo improvável qualquer possibilidade de sistematização desse problema. Se as pessoas se matavam, não era por causa de argumentações filosóficas, mas porque estavam sofrendo física e mentalmente. São pouquíssimos os exemplos na história de filósofos que se suicidaram. Pelo contrário, ao refletirem sobre a existência, muitos demonstraram grande apego pela vida. Logo, havia um ponto de convergência entre os filósofos e a Igreja e não o contrário: o apego pela vida e pela existência, cada qual à sua maneira.

Nas palavras de Minois (2018, p. 276), “o clero e os filósofos se unem para proclamar que a morte nos presta um grande serviço ao nos livrar das misérias da existência”, porém, esta deve ocorrer de forma natural e não deliberada. Apesar de ter sido um tema caro aos filósofos de diferentes épocas, o chamado “suicídio filosófico” foi bem pouco frequente entre esses intelectuais. Isto quer dizer que as discussões mais profundas sobre a existência não exerciam qualquer sentimento de vontade de morte de si mesmos sobre a categoria dos filósofos.

Citando D’Holbach<sup>6</sup>, no que toca sua perspectiva em relação à vida, escreve Minois:

A morte põe um ponto final na velhice e suas misérias; nesta vida, o conjunto de desvantagens supera o de vantagens; mesmo aqueles que são ricos e respeitados são infelizes, pois ficam expostos à inveja e angustiados com paixões; entre os homens encontramos um em dez

---

<sup>6</sup> Barão d’Holbach, nascido Paul Heinrich Dietrich von Holbach, foi um autor, filósofo e enciclopedista franco-alemão, além de ter sido uma figura proeminente do Iluminismo francês.

mil que é feliz. Assim, a morte só pode gerar em proveito deles uma transformação geralmente vantajosa (MINOIS, 2018, p. 276).

Guardadas as devidas proporções, o aspecto positivo do suicídio citado por Minois reflete diretamente em uma perspectiva negativa e pessimista com relação à vida e, principalmente, à velhice. Independentemente de classe social ou condição econômica, todos estão fadados a uma experiência de sofrimento por vezes insuportável e que tem o seu ponto final na morte de si mesmo.

É também no século XVIII que avançou entre os “filósofos das luzes” a ideia de que o suicídio era caso de loucura ou de disfunção psicológica, pertencendo muito mais ao campo da Medicina que da religião ou das reflexões filosóficas. Afirma Minois (ibid.) que, além das causas psicológicas, todos os excessos das paixões eram considerados fenômenos que perturbavam o cérebro e poderiam gerar “mania suicida”. São várias as possibilidades de análise do fenômeno que podem partir tanto da Filosofia, da religião, da Medicina e Psicologia, como também da literatura.

Citando Shakespeare e sua obra *Hamlet* (1599/1601), Minois (2018) nos pergunta quais são os imperativos e os limites da humanidade que justificam que se prolongue a vida. A resposta, quase impossível de ser respondida de forma definitiva, é atemporal e leva em consideração uma teia de esperanças e decepções pelas quais somos apresentados à nossa própria condição humana. Até hoje, reverbera sobre nós o eco dessa grande pergunta. Essa é a mais importante questão do ser humano. Montaigne e Bacon, por exemplo, além de Shakespeare, já nutriam grande curiosidade pelo suicídio, demonstrando-a em seus escritos, nos quais o fenômeno é examinado sem condenação moral.

Segundo Minois (2018, p. 108), “é a primeira vez na história ocidental que se constata tamanho interesse pelo suicídio”. Mesmo assim, não significa uma obsessão pela morte voluntária, pois as pessoas não se matavam nem mais nem menos do que antes. O tema do suicídio invade a literatura entre 1580 e 1620. A ficção permite contornar as condenações oficiais com relação à prática. O suicídio nos romances ganha, desde então, um ritmo acelerado. O tema, por sua vez, populariza-se. Há nos romances certo desprezo pela moral tradicional, e o suicídio às vezes aparece como uma porta elegante e prática para escaparmos de uma vida medíocre, insípida e vazia. Nesses romances, é possível encontrar o tipo de suicídio chamado de *romanesco* ou *romântico*, cuja causa é, entre outras, o desespero amoroso.

Posteriormente, adaptados ao teatro, os romances passam a ser a expressão de um mundo em rápida transformação. Nesse mesmo ritmo, o debate sobre o suicídio ganhou fôlego:

O sucesso dos debates sobre o suicídio, que também é tema nas conversas na corte e nos salões da elite, é sintomático de uma crise de consciência cultural. A passagem da escolástica à razão analítica, do mundo fechado ao universo infinito, do humanismo à ciência moderna, do mundo das propriedades à linguagem matemática, da verdade imutável à dúvida sistemática, da certeza ao questionamento crítico, da unidade cristã à divisão entre confissões rivais não pode ocorrer sem que o sistema de valores seja profundamente abalado (MINOIS, 2018, p. 134).

Ao mesmo tempo em que a sociedade vai se modificando, abandonando certos valores e adotando outros, a perspectiva sobre o fenômeno do suicídio também se alterava. Era uma época em que podemos observar um conflito de valores e certa insegurança, palco onde a temática suicida ganhava importância. Os autores exaltavam os conflitos de sua época e os espectadores liberavam neles suas frustrações.

A literatura, por vezes, apresenta o suicídio por uma perspectiva favorável, como ato heroico e glorioso, mesmo quando se contrapõe à moral cristã e à lei. Nos romances do século XVII e XVIII, encontramos pelo menos dois tipos de suicídio: o do camponês, para pôr fim à miséria em um ato de covardia; e o do nobre, que se mata com sua própria espada pelos belos olhos de uma marquesa, ato digno de uma alma superior. Nessa perspectiva, o suicídio é descaradamente proibido somente às pessoas comuns, tal qual no medievo.

Ser ou não ser é uma questão que, no século XVIII, ganha os debates. O problema da morte voluntária passou a ser tratado na Europa do “século das luzes” de forma publicizada. Surgiram tratados radicalmente contra e abertamente a favor do suicídio. O surgimento desses tratados é um elemento sintomático de um fenômeno que cada vez mais ganhava projeção na Europa. Mas cabe lembrar que, apesar de um certo fascínio pelo tema da morte, no geral, e do suicídio, em particular, os intelectuais do século XVIII quase nunca puseram fim a suas vidas.

Conforme Minois (2018), as pessoas se matam às centenas na literatura, sem uma palavra de censura. Os suicídios, no geral, são do tipo altruísta ou destinado a salvar a honra, devido ao remorso ou por amor. Improvável serem considerados um ato de loucura. Pelo contrário, são uma solução elegante e obrigatória. Já o suicídio

filosófico é, antes de tudo, motivado por uma reflexão intelectual, em contraste com esse sentimentalismo. Nos dois casos, o indivíduo não se mata a partir de uma simples loucura.

Tão importante quanto *Hamlet* de Shakespeare é o romance *Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe, publicado pela primeira vez em 1774. Acusado de produzir uma obra com um propósito deveras imoral, na verdade, a obra de Goethe é expressão do clima europeu da segunda metade do século XVIII, a que ele simplesmente deu forma. É um romance e não uma apologia ao suicídio, título ao qual foi acusado por diversas vezes. Para Minois (2018, p. 334), “Werther chega no momento em que as paixões sobre a legitimidade da morte voluntária estão se exacerbando”.

Dito isto, é possível identificarmos que, bem ou mal, o debate sobre o suicídio era bastante recorrente durante esse período. A disputa entre a moral religiosa e a moral racional acerca do suicídio vai começar a ser substituída por outra moral já nos séculos XIX e XX, o que acaba por silenciar o debate. Essa nova moral, entendida aqui como “moral burguesa”<sup>7</sup>, utilizava-se de todos os instrumentos por meio dos quais demonstra hostilidade total ao suicídio. Expressão disso é que, até a metade do século XIX, na Europa Ocidental, sobretudo na França, procurava-se ocultar os fatos da opinião pública acerca do suicídio. Acreditavam que os jornais deveriam se abster de noticiar qualquer modalidade de suicídio por acreditarem que este tipo de publicidade induzia um grande número de pessoas a apressar o fim da vida.

Com o avanço da ciência moderna, a abordagem médica do suicídio começou a ganhar relevância, consolidando-se como alternativa para as abordagens religiosa e filosófica. A Medicina do século XIX tendia a culpabilizar a propensão ao suicídio, utilizando o que Minois (ibid.) chamou de “tratamento moral” baseado na punição, como se o fenômeno fosse uma perversão qualquer. A partir de “sedativos morais” como, por exemplo, a fome e a sede, a cadeira de castigo ou o isolamento, acreditava-se ser possível conter a propensão ao suicídio. Em suma, o autor afirma que esse tipo de análise sociológica deriva da associação entre o suicídio e o espírito materialista da Revolução Industrial, do qual o suicídio seria uma de suas aberrações.

---

<sup>7</sup> São várias as abordagens possíveis quando tratamos sobre essa questão. Vamos nos ater à breve discussão sobre a moral burguesa e o trabalho, sendo a mesma uma espécie de ética fundamentada na exploração do trabalho assalariado. A mão-de-obra, enquanto mercadoria, necessita estar sempre à disposição e a serviço do capitalista, sempre que essa relação for necessária a este último. A máxima de que “só o trabalho liberta” ilustra bem essa ideia.

## 1.2. Suicídio em Émile Durkheim

O século XIX inaugurou a participação da Sociologia nesse debate sobre o suicídio. Nesse sentido, destacamos duas obras, seguidas cronologicamente: a primeira, de Marx (1846); e a segunda, de Durkheim (1897). Começaremos tratando de Durkheim e, só depois, de Marx, nosso referencial teórico fundamental.

O tema do suicídio em geral e a taxa social de suicídios são o objeto de estudo na mais famosa obra do sociólogo francês Émile Durkheim (1854-1917), *O Suicídio: estudo de Sociologia*. O autor estudou o suicídio não pela sua relevância temática nas Ciências Sociais, mas por ser um fato social<sup>8</sup> que pode ser estudado metodologicamente. Trata-se de uma estratégia que visava fazer reconhecer a Sociologia enquanto ciência, já que esse fenômeno era visto até então como exclusivamente individual e, por isso, objeto apenas do campo da Psicologia.

Para Durkheim o suicídio é um fato social quando se trata de um conjunto de suicídios em certa sociedade e em certo período; quando é total (que não é a soma de unidades independentes), um fato novo e *sui generis*. Para ele, as sociedades têm, em cada momento, uma disposição definida para o suicídio. Na referida obra, o sociólogo buscou identificar as causas sociais de suicídio e os seus tipos. Sua metodologia consistiu em classificar as causas para categorizar os tipos. Para esse sociólogo, conhecida a natureza das causas podemos deduzir a natureza dos efeitos.

Durkheim se enquadra no ponto de vista de que o todo é muito mais que a soma de suas partes. Isso desviou o seu interesse do indivíduo para as forças da sociedade que o afetam. Devido a isso, uma pergunta que parece ter sido central em seu estudo foi: quais são as situações dos diferentes meios sociais (religião, família, sociedade política, grupos profissionais) em função dos quais o suicídio varia?

Durkheim também notou que as taxas de suicídio tendiam a ser menores durante tempos de guerra e maiores durante tempos de mudança econômica ou instabilidade. A crise promove o suicídio por ruptura de equilíbrio, seja de prosperidade ou de pobreza. Mas como explicar que a melhoria da vida leve a um maior desapego por ela? Para o sociólogo, as necessidades humanas não dependem do corpo e os desejos do indivíduo são ilimitados. As paixões têm que ser limitadas pela força moral da sociedade que

---

<sup>8</sup> “Fatos Sociais são as maneiras de agir, de pensar e de sentir que apresentam a notável propriedade de existir fora das consciências individuais” (DURKHEIM, 2006, p. 32). Esses tipos de comportamento não são só exteriores ao indivíduo, como dotados de um poder imperativo e coercitivo em virtude do qual se lhe impõem.

regula e modera as necessidades, atendendo ao bem comum. Para ele, as paixões devem ser limitadas, pois, caso contrário, tornam-se um tormento. Os sinais de morbidades destacadas por Durkheim foram: necessidades ilimitadas, ultrapassagem infinita dos meios que se tornam um fim, descontentamento, ligação tênue com a vida, paixão pelo infinito, situação na qual nenhuma conquista vale por si mesmo, etc.

Quando a sociedade é perturbada por crises ou mudanças repentinas, a pressão moral perde força, os indivíduos não se ajustam às suas posições, o valor das forças sociais permanece indeterminado, sem regulamentação, as ambições são superexcitadas causando o sofrimento e, conseqüentemente, cresce o suicídio. Funciona como se o desenvolvimento da indústria e a ampliação indefinida do mercado fortalecessem o desencadeamento dos desejos e a busca desenfreada por conquistas, o que conseqüentemente, favorece a ampliação das taxas de suicídios. A causa do suicídio estaria, grosso modo, na “ausência da sociedade” na vida do indivíduo.

Outro exemplo: dizia o sociólogo que a taxa menor de suicídio durante tempos de guerra pode ser vista como um sinal de aumento da integração ou coesão social. O sentimento nacionalista patriótico representa, na verdade, o sentimento de pertencimento àquilo que Durkheim chamou de consciência coletiva, um sentimento coletivo que está acima das consciências individuais e que age com uma força irresistível sobre os indivíduos.

Essas descobertas levaram Durkheim a concluir que há fatores externos aos indivíduos que afetam as taxas de suicídio. Existem pessoas que estão fortemente integradas em grupos sociais, cujos desejos e aspirações são regulados por normas sociais. Segundo o autor, nesses grupos os indivíduos estão menos predispostos a cometer o suicídio.

Dessa forma, é papel das instituições sociais inculcar nos indivíduos determinadas normas que equilibram e determinam um comportamento positivo. Positivo no sentido de que seus atos estão de acordo com aquilo que a sociedade espera que sejam. O ato de suicidar-se não é um ato positivo, pelo menos não nessa concepção. É notavelmente um estudo que dispensa a análise de influências que não são consideradas sociais dentro dessa perspectiva sobre o suicídio.

Para Durkheim, até mesmo o ato aparentemente pessoal do suicídio requer uma explicação sociológica. O suicídio não possui uma causa individual, mas sim uma causa social, pois, segundo o sociólogo, cada sociedade tem em sua história um conjunto de indivíduos dispostos ao suicídio e essa disposição deve ser estudada, não apenas pelos



fenômenos orgânico-psíquicos ou do meio físico no qual os indivíduos estão situados, mas sim segundo as causas sociais que geram os fenômenos coletivos.

Até o século XVIII, os estudos sobre o tema haviam incluído os aspectos morais do suicídio como fatores básicos, mas é no século XIX que o fenômeno passa a ser visto como um crescente problema social. Até então, o estudo estatístico do suicídio era entendido pelos pesquisadores e teóricos como um estudo da moralidade, incluindo-o na categoria geral das estatísticas morais junto com outros eventos como o assassinato e outros crimes.

O acúmulo de informações estatísticas proporcionou, de outro lado, que se estabelecessem inúmeras correlações juntamente com o levantamento de hipóteses. Estas informações estatísticas, enfim, passaram a relacionar taxas diferenciais de suicídio a fatores sociais (ocupação, urbanização, religião, mudança social), como também a fatores não sociais (hereditariedade, raça, clima e a questão não resolvida sobre se o suicídio deveria ou não ser relacionado a alguma desordem mental).

Para o autor, o suicídio é mais do que um simples agregado de atos individuais, mas um fenômeno que carrega propriedades padronizadas. As taxas de suicídio variam entre as sociedades, mas exibem padrões regulares dentro das sociedades através do tempo. A taxa social não tem como objetivo compreender as condições que possam contar na gênese dos suicídios particulares, mas pesquisar aquelas que virão a constituir o que o sociólogo chamou de taxa social de suicídios. Durkheim tomou isso como uma evidência de que há forças sociais consistentes que influenciam as taxas de suicídio. Este é o cerne da proposta de Durkheim, quando afirma que “existe, para cada grupo social, uma tendência específica para o suicídio que nem a constituição orgânico-psíquica dos indivíduos nem a natureza do ambiente natural explicam” (DURKHEIM, 1977, p. 150).

Logo, se o indivíduo se isola, é porque os laços que o uniam aos outros seres se tornaram frouxos ou se quebraram, é porque a sociedade, nos pontos em que ele está em contato com ela, não está integrada de uma maneira suficientemente forte. Para o autor, “estes vazios que separam as consciências e que as tornam estranhas umas às outras provém precisamente do afrouxamento do tecido social” (DURKHEIM, 1977, p. 330-331).

Para Durkheim, o significado moral e social do suicídio não é de forma alguma o mesmo. Para uma avaliação ética, mas não no sentido de avaliar a responsabilidade moral de quem se suicida, devemos ficar atentos a questões fundamentais, tais como a

do sentido da vida, da morte e da autonomia humana. Os homens que se matam, tanto podem ter sofrido desgostos familiares ou decepções de amor próprio, como podem ter passado pela miséria ou pela doença ou ainda arrastarem o fardo de um erro moral.

O sociólogo sugere que o fenômeno pode ser analisado sob um aspecto completamente diferente:

Assim, se em vez de vermos neles apenas acontecimentos particulares, isolados uns dos outros e que necessitam cada um por si de um exame particular, considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos numa sociedade dada durante uma unidade de tempo dada, constatamos que o total assim obtido não é uma simples soma de unidades independentes, um todo de colecção, mas que constitui em si um facto novo e *sui generis*, que possui a sua unidade e a sua individualidade, a sua natureza própria, por conseguinte, e que, além disso, tal natureza é eminentemente social (id., 1977, p. 14).

Os fatos mais diversos e mesmo os mais contraditórios da vida podem servir de pretexto para o suicídio. A partir da utilização de vários exemplos históricos de diferentes países europeus (França, Prússia, Inglaterra, Saxônia, Baviera, Dinamarca, de 1841 a 1872), sempre fundamentados em estatísticas, a hipótese é a de que cada sociedade, em cada momento da sua história, tem uma aptidão definida para o suicídio. Afirma Durkheim que, “de facto, para uma mesma sociedade e desde que a observação não se estenda por um período demasiado longo, o número de suicídios é mais ou menos invariável” (ibid., p. 14). De um ano para o outro, as circunstâncias em que a vida dos povos se desenvolve são sensivelmente as mesmas. As variações, quando ocorrem, são associadas pelo autor a alguma crise que atinge passageiramente o estado social, como, por exemplo, a que se deu no ano de 1848 de carácter nacionalista<sup>9</sup>. Nesta data, ocorreu uma brusca diminuição no número de suicídios em todos os Estados europeus.

Para o sociólogo, “cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente de mortos voluntários” (ibid., p. 21). Mas diferente da Medicina, o que o sociólogo procura são as causas através das quais é possível agir, não sobre os indivíduos isolados, mas sobre o grupo. Sobre essas causas, as únicas que interessam à Sociologia são as que se

---

<sup>9</sup> Na França, entre os anos de 1846 e 1848, uma sequência de péssimas colheitas provocou uma crise econômica responsável pela elevação súbita do preço dos alimentos. Reagindo a esse quadro desfavorável, membros do operariado e do campesinato passaram a exigir melhores condições de vida e trabalho. Aproveitando das novas tendências que surgiam, fizeram uma forte oposição ao regime monárquico por meio de uma série de levantes.

fazem sentir no conjunto da sociedade. Para Durkheim, a taxa dos suicídios, que é seu objeto de estudos, é produto desses fatores.

O suicídio é um fenômeno complexo, de impacto tanto individual quanto coletivo, que ocorre por uma convergência entre fatores de risco genéticos, psicológicos, sociais e culturais, combinados com experiências de trauma e perda. Durkheim afirma que as causas extrassociais são nulas ou muito restritas. E faz ainda uma afirmação bastante contundente de que “o suicídio varia na razão inversa do grau de integração da sociedade religiosa, doméstica e política” (DURKHEIM, 1977, p. 233).

Para o sociólogo britânico e estudioso de Durkheim, Anthony Giddens, o objetivo principal de *O Suicídio: estudo de Sociologia* era o de identificar, por meio de uma análise precisa de um fenômeno específico, a natureza dessa lacuna moral que se manifesta nas sociedades contemporâneas (GIDDENS, 2005, p. 129-130). Mas esse objetivo principal acresce outro, de ordem metodológica: a aplicação do método sociológico à explicação de um fenômeno que, de início, poder-se-ia considerar como individual.

Ainda segundo Giddens, os estatísticos do século XIX já haviam demonstrado que as taxas de suicídios que se verificavam nas diferentes sociedades apresentam uma distribuição estável de ano a ano, o que quer dizer que os padrões da taxa de suicídios devem, pois, depender de fenômenos de ordem geográfica, biológica ou social. Para Durkheim, quando analisou os dois primeiros, concluiu que nem um nem outro podem ser considerados como explicação possível da distribuição das taxas de suicídio. Só o terceiro tipo de fator, o de ordem social, poderia explicar os padrões de taxas de suicídios.

Com a chamada Era Industrial, experimentamos um novo tipo de solidariedade que Durkheim chamou de orgânica, pela qual a especialização de tarefas e a crescente diferenciação social em sociedades avançadas levariam a uma nova ordem, formando o que arriscamos chamar de grande organismo social. As sociedades caracterizadas por essa solidariedade orgânica são mantidas unidas pela interdependência econômica das pessoas e pelo reconhecimento da importância das contribuições dos outros. Os indivíduos interdependem e cooperam entre si, desempenhando comportamentos de acordo com aquilo que a sociedade espera deles, o que chamamos anteriormente de comportamento positivo. Quanto mais o indivíduo se sente inserido ao grupo, menor sua chance de suicídio. Quanto menos se sente pertencente ao grupo, menos sua vida vale a pena.

Os processos de mudança no mundo moderno são tão rápidos e intensos que originam dificuldades sociais maiores. Eles podem ter efeitos aniquiladores em estilos de vida tradicionais, em crenças morais religiosas e em padrões cotidianos sem oferecer novos valores claros. Essas condições inquietantes, Durkheim relacionava à anomia, um sentimento de falta de objetivos ou de desespero, provocados pela vida social moderna. Para o autor, ao invés de aplicar métodos sociológicos para o estudo dos indivíduos, os sociólogos deveriam analisar os fatos sociais, isto é, os aspectos da vida social que modelam nossas ações como indivíduos, tais como o estado da economia ou a influência da religião.

Se a vida não vale a pena ser vivida, qualquer coisa se torna pretexto para nos livrarmos dela, mas, para o sociólogo, é a taxa social que se deve tomar diretamente como objeto de análise, sendo preciso partir do todo para chegar às partes. Nessa perspectiva, avança Durkheim:

A taxa de suicídios constitui, portanto, uma ordem de fatos única e determinada; é o que demonstram, ao mesmo tempo, sua permanência e sua variabilidade. Já que esta permanência seria inexplicável se ela não se devesse a um conjunto de caracteres distintivos, solidários uns com os outros, que, apesar da diversidade das circunstâncias ambientais, se afirmam simultaneamente; e esta variabilidade testemunha a natureza individual e concreta destes mesmos caracteres, uma vez que variam como a própria individualidade social (1977, p. 14).

O autor parte para uma construção metodológica na qual é possível constituir os tipos sociais do suicídio, não ao classificá-los diretamente segundo as suas características morfológicas, por exemplo, mas classificando as causas que as produzem. Buscam-se as condições sociais de que dependem que são depois agrupadas conforme semelhanças e diferenças. Dessa forma, o fenômeno será conhecido através de suas causas e não apenas de suas características, ou seja, em uma construção de caráter etiológico, investigando a causa e a origem do fenômeno.

Para o sociólogo, os suicídios se apresentam em pelo menos quatro tipos, o que nada tem a ver com o meio letal utilizado. São eles do tipo egoísta, anômico, altruísta e o fatalista. Os suicídios egoísticos são marcados pela baixa integração do indivíduo na sociedade e ocorrem quando o sujeito está isolado ou quando seus laços com um grupo são enfraquecidos ou rompidos. Por exemplo, as baixas taxas de suicídio entre católicos podem ser explicadas pela sua forte comunidade social, enquanto a liberdade pessoal e moral dos protestantes significa que eles “estão sozinhos” diante de Deus. Há, portanto,

entre o suicídio e a integração social uma relação que se mantém independentemente do setor institucional da sociedade que analisarmos. É como se o ser individual se afirmasse de maneira excessiva face ao ser social e em detrimento desse.

O suicídio anômico é causado por uma falta de regulação social. Com isso, Durkheim se referia às condições sociais de anomia quando pessoas perdem a dimensão normativa devido à rápida mudança ou à instabilidade na sociedade. Portanto, tem relação com crises econômicas. Uma reviravolta econômica pode abalar o equilíbrio entre as circunstâncias das pessoas e seus desejos. Assim, quando os horizontes individuais são subitamente ampliados ou indevidamente restringidos, as motivações para o suicídio por anomia são favorecidas.

Porém, o fato não pode ser explicado unicamente em termos da privação econômica que essas crises acarretam, uma vez que as taxas de suicídio sobem em grau equivalente em tempos de prosperidade econômica. Nesse sentido, sinaliza Giddens:

As flutuações do ciclo econômico, tanto em tempo de prosperidade como em tempo de depressão, apresentam uma característica comum, o efeito desorganizador que tem sobre os modos de vida habituais. Tanto as pessoas que enriquecem subitamente como as que empobrecem, se encontram numa situação na qual as suas expectativas habituais sofrem tensão. Daí resulta uma condição anômica de desregramento moral (2005, p. 132).

Como em toda sua pesquisa, Durkheim inicia apresentando uma série de dados. Os primeiros dizem respeito às relações de crise ou crescimento econômico e propensão ao suicídio. Conclui o autor que, tanto as crises industriais ou financeiras, como as de prosperidade têm o mesmo resultado: aumentam os suicídios e explica dizendo que esta relação se dá porque são crises, isto é, perturbações da ordem coletiva.

O suicídio altruístico ocorre quando um indivíduo está integrado demais e os laços sociais são muito fortes, valorizando a sociedade mais do que ele mesmo. Nesse caso, o suicídio se torna um sacrifício para um “bem maior”. Homens-bomba islâmicos são exemplo de suicídios altruístas. Se uma individualização excessiva leva ao suicídio, uma individualização insuficiente leva aos mesmos efeitos. Quando desligado da sociedade, o homem se mata facilmente e se mata também quando está por demais integrado a ela, afirma o sociólogo. O suicídio altruísta antítese, é óbvio, do egoísta, é representado por exemplos em que o indivíduo está fortemente integrado à sociedade: é uma espécie de imolação religiosa ou ato de lealdade política. Esta forma de suicídio chamada de altruísta deriva de uma consciência coletiva forte, dominando de tal

maneira as ações do indivíduo que este está pronto a sacrificar a sua vida pela realização de um valor coletivo.

Sobre a consciência coletiva e individual, categorias analíticas chaves da Sociologia de Durkheim, ele nos explica:

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela é, por definição, difusa em toda a extensão da sociedade, mas tem, ainda assim, características específicas que fazem dela uma realidade distinta. De fato ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, ela permanece. (...) Ela é, pois, bem diferente das consciências particulares, conquanto só seja realizada nos indivíduos. Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, do mesmo modo que os tipos individuais, muito embora de outra maneira (DURKHEIM, 2010, p. 50).

Portanto, a consciência coletiva não é a soma das consciências individuais, mas a média das formas de agir, pensar e sentir dessas consciências individuais que vão compor a consciência coletiva e que age sobre os indivíduos como uma força irresistível chamada pelo estudioso de coerção.

O último tipo de suicídio é o suicídio fatalista. Em seu texto, Durkheim faz apenas uma menção a esse tipo de suicídio e afirma que ele tem pouca relevância contemporânea e que acontece quando um indivíduo é regulado demais pela sociedade. A opressão do indivíduo resulta em um sentimento de impotência diante do destino e da própria sociedade.

Esses quatro tipos sociais, segundo o autor, mais ou menos correspondem a tipos psicológicos. Assim, ao suicídio egoísta corresponde apatia e, secundariamente, melancolia; ao anômico, corresponde irritação, desgosto e, como variedade secundária, queixas contra a vida, etc.; ao altruísta, energia passional ou voluntária e sentimento de dever. Ressalta que há ainda a possibilidade de tipos mistos combinando os três tipos elementares.

Para todos os quatro tipos, as causas são sempre sociais. Mas o próprio sociólogo nos pergunta: como chegar às causas? Tendo rejeitado os argumentos extrassociais que teriam alguma influência sobre o suicídio, as disposições orgânico-psíquicas, internas aos indivíduos, tanto normais como anormais, as características do

ambiente físico e o processo de imitação, Durkheim, por meio da combinação da prova estatística e do argumento dialético, procura comprovar as suas hipóteses:

Nas constatações judiciárias que se fazem cada vez que há um suicídio, aponta-se o motivo (desgosto da família, dor física ou outra, remorso, embriaguez, etc.) que se admite ter sido a causa determinante e, nos resumos estatísticos de quase todos os países, encontra-se um quadro especial em que os resultados destes inquéritos estão reunidos sob o título: *Motivos presumidos dos suicídios*. [...] É sempre difícil precisar a causa de um fenômeno. [...] O que o demonstra é que os números proporcionais de casos, imputados pelas estatísticas a cada uma destas causas presumidas, mantêm-se quase idênticos, ainda que os números absolutos apresentem, pelo contrário, as variações mais consideráveis (DURKHEIM, 1977, p. 151-152).

Para ele, desgostos de família, certa tendência para bebida, vistos como motivos para o suicídio, mesmo que dignos de fé, não são as verdadeiras causas. Então, afinal, quais são as verdadeiras causas? O estreitamento ou afrouxamento dos laços sociais e ainda situações de mudanças bruscas e incontroláveis da dinâmica social são causas externas que podem levar tal número de indivíduos ao suicídio. Durkheim afirma que não existe um estado psicopático que tenha com o suicídio uma relação regular e incontestável. O que é real, então? Não é porque uma sociedade tem maior ou menor número de neuropatas ou de alcoólicos que conta com mais ou menos suicidas, elucidação feita anteriormente.

Abandonando o indivíduo, Durkheim procurou na natureza das próprias sociedades as causas da inclinação que cada uma delas manifesta para o suicídio. Sua metodologia consistiu, grosso modo, em classificar as causas para categorizar os tipos. Para esse sociólogo, conhecida a natureza das causas podemos deduzir a natureza dos efeitos.

### ***1.3. Suicídio em Karl Marx***

Karl Marx (1818-1883), diferente de Durkheim, nunca se preocupou em criar uma ciência da sociedade e, antes do sociólogo, já havia percebido que as causas dos suicídios são também sociais, como podemos perceber no texto *Sobre o Suicídio*. Era um autor com uma abordagem crítica que abarcava várias áreas do conhecimento e, acima de tudo, fazia um ataque ferrenho ao modo de produção capitalista, suas instituições e relações sociais. Por não ter se consagrado em uma vida acadêmica,

destacou-se pelo engajamento político, afirmando que era preciso ter uma posição crítica sobre a realidade.

Para Marx, ao contrário do que se pensa comumente, o suicídio é um comportamento natural, em uma sociedade deveras medicalizadora e psicologizante. Psicologizante no sentido de que o problema é sempre visto como de ordem mental: o suicídio é uma doença ou um transtorno psicológico que pode ser tratado, contido, controlado, através da administração de fármacos, saltando, inclusive, da Psicologia para a Psiquiatria. Para o autor da obra *Sobre o Suicídio* (1846), o suicídio é natural porque simplesmente somos diariamente suas testemunhas.

Nesse sentido, o autor é incisivo quando afirma que:

Antes de tudo, é um absurdo considerar antinatural um comportamento que se consoma com tanta frequência; o suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. O que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, está na natureza da nossa sociedade gerar muitos suicídios (MARX, 2006, p. 25).

É uma sociedade que, ao mesmo tempo em que se banaliza a morte e não se aceita o suicídio, estigmatiza-se o fenômeno como algo absurdo e inaceitável.

A esse respeito, escreveram Marx e Engels:

A burguesia, historicamente, teve um papel extremamente revolucionário. Em todas as vezes que chegou ao poder, pôs termos em todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Desapiedadamente rompeu os laços feudais heterogêneos que ligavam o homem aos seus “superiores naturais” e não deixou restar vínculo algum entre um homem e outro além do interesse pessoal estéril, além do “pagamento em dinheiro” desprovido de qualquer sentimento (2005, p. 13).

No capitalismo, a experiência social é também uma experiência de sofrimento, por vezes, insuportável. A partir da referida obra de Marx, é possível concluirmos que todo suicídio é uma história de sofrimento que se desdobra da experiência individual com as contradições do capitalismo. Nos quatro casos relatados pelo autor, aqueles que se suicidaram eram membros da classe dominante, isto é, a experiência de sofrimento no capitalismo atinge a todos, independente da classe social.

No capitalismo, afirmam Santos e Almeida (2016, p. 68):

A transformação do homem em coisa, e sua subsunção total aos desígnios socio-reprodutivos do capital, não só pode acarretar o desenvolvimento de uma subjetividade condicionada e não autêntica,



mas originar todas as condições propícias para o cometimento do suicídio.

É um processo de expropriação dos produtos do trabalho, alienação e estranhamento que se expandem e se instalam em todos os complexos sociais, ocasionando a perda de sentido e da plenitude material e espiritual, fundamento do suicídio.

O trabalho, enquanto alicerce sobre o qual a vida se fundamenta, vai perdendo seu sentido e se tornando estranho ao seu criador. A forma como nos comportamos, nossas concepções e pensamentos são muito mais fruto das assimilações ideológicas às quais estamos sujeitos, resultantes da forma material de produção social, do que efetivamente produto de nossa autenticidade (ibid., p. 73).

Isto quer dizer que o ser social no capitalismo é inautêntico, visto que sua personalidade e individualidade estão amplamente determinadas pelas necessidades socio-reprodutivas do capital. Partindo desses pressupostos, pretendemos analisar a problemática do suicídio no romance *As virgens suicidas*. O texto de Marx trabalhado aqui soa como uma espécie de protesto apaixonado contra o patriarcado e a sujeição das mulheres à natureza opressiva da família burguesa. É nessa perspectiva que podemos utilizá-lo como instrumento para análise do romance de Jeffrey Eugenides.

Marx, na época com 28 anos, já estava casado e tinham um único filho. É um texto duplamente curioso. Primeiro, porque Marx não faz uso da estatística para delimitar a fronteira do campo sociológico. Pelo contrário, ao analisar o tema do suicídio, a partir da metodologia do estudo de caso, ele acaba por aproximar a Sociologia das outras Ciências Humanas e, ao fazê-lo, este autor nos apresenta não o que essa ciência social tem de específico, mas o que ela tem em comum com as outras ciências do homem.

Segundo, porque se trata de uma obra curiosa também porque ela é composta de excertos traduzidos para o alemão das memórias de Jacques Peuchet (1758-1830), que não foi nem filósofo, nem historiador, nem mesmo socialista, mas tão somente um diretor dos arquivos da polícia francesa. Nela, Marx nos apresenta comentários informais sobre temas que Peuchet relatou no capítulo *Du suicide et des ses causes*, como a vida, a morte, a família, o aborto, a escravidão, o patriarcado, o feminismo. Para Marx, a morte voluntária não é só um fenômeno de classe, mas também de gênero.

São casos específicos e emblemáticos de suicídios acontecidos na França do século XVIII, a partir de uma investigação da vida privada desses personagens. Três dos

quatro suicídios analisados pelo autor representam o desespero de mulheres, vítimas do patriarcado e da tirania familiar, com seus destinos selados muito mais pelo gênero do que por sua classe. Independente da classe social, as famílias seguiam modelos mais ou menos parecidos de organização<sup>10</sup>.

Peuchet aparece como se fosse coautor desse livro e, em sua longa experiência nos departamentos de administração e de polícia, chamaram-lhe atenção os inúmeros casos de suicídio. O texto nunca teve outra versão. Marx (2006) analisou criticamente as relações privadas de propriedade e as relações familiares, especialmente a opressão das mulheres na sociedade moderna. Diferente de Durkheim, Marx adentrou a esfera da vida privada da sociedade da época, analisando as angústias da existência mediada pela propriedade e pelas relações de classe e as experiências de sofrimento dos indivíduos com o capitalismo. Assim como diz Michel Löwy, na introdução da edição brasileira do livro, é um Marx pouco habitual.

Para Marx o suicídio é sintoma de uma sociedade doente, que precisa de uma transformação radical. Cada indivíduo, está ao mesmo tempo, associado aos outros e isolado dos demais, como se fosse um entre milhões, em uma espécie de solidão em massa. Resta ao indivíduo ser vítima ou carrasco em um contexto social que dá indícios/pistas para a explicação da inclinação do indivíduo ao desespero e ao suicídio.

O intelectual prussiano foi pai de sete filhos, dos quais apenas suas três filhas, Eleanor, Jenny e Laura, atingiram a idade adulta. Jenny. A mais velha morreu de câncer aos 38 anos e, por uma incrível ironia do destino, suas outras duas filhas se suicidaram. A mais nova, Eleanor, envenenou-se aos 43 anos com uma injeção de ácido prússico. Casada com Edward Aveling, de quem cuidara durante uma longa doença, embora soubesse de suas infidelidades, talvez não tenha suportado a descoberta de que Aveling se casara secretamente com uma amante de 22 anos. Possivelmente, Aveling ajudou a própria esposa a se suicidar.

Já Laura Marx era casada com Paul Lafargue, filósofo socialista autor do famoso livro/panfleto *O Direito à Preguiça*, publicado pela primeira vez em 1883, ano da morte de Marx. O casal acreditava que a vida não valeria mais a pena a partir da idade em que a pessoa já não pudesse mais desfrutar dos prazeres da própria existência, acabando por

---

<sup>10</sup> Na segunda metade do século XIX, os estudos sobre a família assumem uma perspectiva científica, dos quais emergiram as teorias evolutivas fundadas no positivismo que compreendem a família como uma “unidade social ordenada”. A visão orgânica da família de Auguste Comte, principal influência de Durkheim, propicia os contornos da família como uma instituição de controle social. Na família está presente a divisão social e sexual do trabalho, pois ela mantém a mulher na condição de subordinação impondo a ela os papéis de esposa, mãe e filha e ao homem o governo da sociedade positiva.

ser tornar um fardo para os outros e para si mesmo. Os dois se suicidaram com uma injeção letal.

Em seu *Testamento Político*, publicado em dezembro de 1911, escreveu Lafargue: “Há anos prometi a mim mesmo que não passaria dos setenta; marquei a época do ano para minha partida da vida e preparei o modo de execução da minha resolução: uma injeção hipodérmica de ácido cianídrico” (LAFARGUE, 1999, p. 131). Mais uma vez não há nenhuma menção a sua esposa, mesmo em seu testamento. Mais uma vez, assim como Eleanor, Laura é condenada à obscuridade e relegada a um mundo cujas referências e intelectualidade vêm dos homens. O socialismo e o feminismo estavam longe ainda de serem considerados publicamente tão importantes um quanto o outro.

Para Marx (2006, p. 29), “o suicídio não é mais do que um entre os mil e um sintomas da luta social geral” e, assim, a classificação das causas não é senão uma classificação dos males da sociedade burguesa moderna. Segundo Löwy, na introdução do livro de Marx:

A crítica da sociedade burguesa não se pode limitar a questão da exploração econômica – por mais importante que seja. Ela deve assumir um amplo caráter social e ético, incluindo todos os seus profundos e múltiplos aspectos opressivos (LÖWY, 2006, p. 17).

No desenvolvimento do seu ensaio, Marx demonstra que a sociedade burguesa, além da brutal exploração a que condena a classe proletária a uma existência reificada, também gera vítimas não proletárias que, condenadas a uma existência inautêntica, são levadas ao ato extremo de pôr fim a sua própria vida; e dentro dessa categoria, as mulheres ocupam papel central nesta crítica marxiana. É uma obra que trata, finalmente, da opressão da mulher. É uma crítica da vida privada. Em um pequeno livro, encontramos uma poderosa peça de acusação.

Portanto, não são só os baixos salários, o desemprego e a miséria que explicam em parte os muitos dos casos de suicídios. Existem manifestações que não são diretamente econômicas, mas dizem respeito à vida privada de indivíduos não proletários. São quatro exemplos que encontramos no texto de Marx. Três desses exemplos são de mulheres que, por motivos não necessariamente associados às causas econômicas, suicidaram-se.

Na época, havia muito mais suicídios de homens que de mulheres, como indicam os documentos aos quais Marx teve acesso. A escolha pelo gênero feminino

demonstra a intenção do autor de refletir sobre um problema que tem causas sociais e que, porém, incidem de maneiras diferentes em homens e mulheres. O quarto exemplo e não menos importante é o suicídio de um homem desonrado. A brutal autoridade dos pais sobre a filha, o ciúme doentio do marido sobre a esposa, a impossibilidade de interromper uma gravidez levaram essas três mulheres a desistirem de suas vidas. No caso masculino, a desonra.

Sem dúvida, ao adentrar a vida privada e investigar as angústias da existência mediada pela propriedade e pelas relações de classe, Marx antecipa temas como o direito ao aborto, o feminismo e a opressão familiar na sociedade capitalista. A obra traz julgamentos acerca da moralidade, da religião, dos costumes e do papel da mulher e de como esses elementos podem ser desencadeadores do suicídio.

Vamos aos casos/exemplos muito elucidativos: o primeiro caso de suicídio citado por Marx envolve uma moça de família tradicional. A jovem moça, que era filha de um alfaiate, foi prometida em casamento a um açougueiro que também era visto com bons olhos pela comunidade local. Tudo estava acertado entre as famílias e os dois jovens também não se opuseram a tal decisão, pois se gostavam. Certo dia, as famílias dos noivos marcaram um jantar na casa dos pais do noivo e, por conta de um imprevisto, apenas a noiva pode comparecer ao jantar, seus pais retornaram por conta do recebimento de uma encomenda. Por estarem todos felizes e admirados com a sintonia do casal, a jovem moça se esqueceu que tinha horário para voltar para casa e, quando percebeu, a noite já havia passado.

Era como se não houvesse nada a ponderar, nada a rezear. Sua felicidade estava cercada de amigos e livre de toda inveja. A jovem filha retornou somente na manhã seguinte para casa dos pais. Uma prova de que ela não se acreditava culpada está no fato de ter voltado para casa sozinha (MARX, 2006, p. 31).

Ao voltar para casa no outro dia, os pais irromperam furiosamente e cobriram-na com os mais vergonhosos nomes e impropérios. Sob o testemunho da vizinhança, o escândalo não teve limites. Foi tachada de impura pelo motivo de ter dormido na casa de seu noivo antes do casamento. Por não aguentar mais tanta humilhação, até mesmo daqueles em que ela mais confiava, sua mãe e seu pai, a moça pôs fim a sua vida atirando-se no Rio Sena, em um ato de desespero, onde se instaurou um sentimento de vergonha incontrolável. Os barqueiros resgataram-na morta do rio, enfeitada com suas joias nupciais.

A constatação de Marx com relação a este caso foi no sentido de uma preocupação com relação ao argumento de autoridade que acabou se transformando em intolerância por parte daqueles que eram mais velhos e se diziam mais experientes. A reflexão de Marx sobre o primeiro caso de suicídio aborda a questão da não superação das relações de servidão, que agora aparecem na sociedade burguesa de outra forma, como, nesse caso, a partir da reprovação do simples ato de um casal de namorados – no qual a mulher e não o homem sofreu as consequências – ter passado uma noite juntos. O que Marx traz à tona ao analisar esse suicídio é que mudou o tipo de regime, mas a servidão e o tradicionalismo continuaram a se perpetuar. Segundo o autor, essa catástrofe, na época, chocou até as almas mais mesquinhas.

O segundo caso nos registros de Peuchet, ao qual Marx teve acesso, refere-se a um casal já com certo tempo de matrimônio. O marido era um homem da burguesia, gostava de caçar, tinha bela aparência, era educado e por onde passava era notado pelo seu porte físico e feição. Do mesmo modo, sua esposa também era bonita e educada e os dois tinham uma boa relação vivendo uma vida abastada, exceto pelo ciúme exagerado que o marido tinha pela esposa. Passado certo tempo, o marido foi acometido por uma doença em seu sangue que acabou por causar-lhe feridas no rosto fazendo com que seu corpo se deformasse. A cada dia que passava, o homem se sentia mais envergonhado perante a sociedade e sua esposa, até que, tomado pelo ciúme doentio e pela vergonha de sua aparência, trancafiou a esposa em sua casa.

Mesmo ouvindo do marido que ela não gostava mais dele, que ele era um peso em sua vida e que ela deveria matá-lo, a esposa ainda insistiu por um tempo em seu amor. Até que um dia, cansada e já descrente da vida, conseguiu fugir de sua casa correndo até o rio e se jogando da ponte. Esse é o exemplo do paradigma do poder patriarcal, um poder absoluto dos homens sobre suas esposas, em uma atitude zelosa de uma propriedade privada, como se fosse um senhor de escravos. Sobre esse segundo caso de suicídio, Marx chega à conclusão de que “o ciumento necessita de um escravo; o ciumento pode amar, mas o amor é para ele apenas um sentimento extravagante; o ciumento é antes de tudo um proprietário privado” (2006, p. 41).

O terceiro caso de suicídio trazido por Peuchet é o de uma mulher desesperada que vai até um médico dizendo que está grávida e que ninguém pode saber disso, pois sua vida se tornaria insuportável por conta dos julgamentos e estigmas que ela sofreria perante a sociedade, uma desonra. A moça pediu ao médico para que realizasse o aborto e ele, com espanto pelo pedido da moça, negou-se a realizar a operação. Passados

quinze dias, lendo o jornal, o médico se depara com a notícia de que a sobrinha de um banqueiro da cidade havia cometido suicídio por conta de ter traído sua tia, ao deixar-se seduzir pelo tio que, na verdade, era seu tutor, tendo dele engravidado.

Ciúme, desonra, difamação são as mais variadas classificações das causas do suicídio que, para Marx, são, na verdade, a classificação dos males da sociedade burguesa moderna e a crítica da sociedade burguesa não pode se limitar à questão da exploração econômica, mas deve assumir amplo caráter social e ético, incluindo todos os seus profundos e múltiplos aspectos opressores.

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável (MARX, 2006, p. 24).

Para Marx, o suicídio tem caráter epidêmico em momentos de crise econômica. Não são só a prostituição e o latrocínio que aumentam:

Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar a censura uniforme e insensível dos moralistas (MARX, 2006, p. 24).

Afinal, tanto os ricos ociosos quanto proletários miseráveis fazem parte dessa mesma sociedade, na qual encontramos a mais profunda solidão no seio de tantos milhões. E há uma tendência em negligenciar ou minimizar nos outros os sinais do mais extremo desespero. Afirmou Marx que “nossa incredulidade diante da inclinação das outras pessoas ao suicídio corresponde, de um lado, ao isolamento social e, de outro, à moral então dominante” (2006, p. 55). Analisando pormenorizadamente os três exemplos, deparamo-nos com a moral então dominante agindo de forma implacável, como se estivesse empurrando esses indivíduos para a morte de si mesmos.

Além das pressões extrassociais, mais uma vez a sociedade aparece como produtora de indivíduos suicidas:

Que tipo de sociedade é esta, em que se encontra a mais profunda solidão no seio de tantos milhões; em que se pode ser tomado por um desejo implacável de matar a si mesmo, sem que ninguém possa prevê-lo? Tal sociedade não é uma sociedade; ela é, como diz

Rousseau, uma selva, habitada por feras selvagens (MARX, 2006, p. 28).

Apenas aparentemente, o suicídio é reflexo de um comportamento humano degradante que concerne à vida privada e não econômica e política.

A intenção de Marx ao publicar esse ensaio era apontar “as contradições e os contrassensos da vida moderna, não apenas nas relações entre classes específicas, mas também em todos os círculos e configurações da hodierna convivência” (2006, p. 21). Nesse sentido, Marx estava preocupado em demonstrar, nesses casos de suicídio, que o problema não está em um ou outro caso de morte, mas sim na sociedade capitalista e em suas relações sociais como um todo. Diferentemente de Durkheim, que não via necessidade de superação da sociedade capitalista, Marx procura demonstrar com esse ensaio que somente uma transformação radical da sociedade, envolvendo a superação do modo de produção capitalista, suas instituições e suas relações sociais, seria capaz de dar fim a esse e a outros males que assolam o ser humano.

Com relação à literatura, é recorrente a temática do suicídio, principalmente no gênero do romance, nas mais diferentes épocas. Vamos nos ater a dois desses romances que retratam diferentes épocas e abordagens do suicídio. O romance *Os sofrimentos do jovem Werther* se tornou referência em toda a Europa, apesar de, na época, ter sido mal recebido pelos críticos. Goethe conseguiu exprimir, em sua narrativa dramática, toda a dor de um amor não correspondido, que despertou e comoveu as novas gerações. É reconhecido como uma obra moderna, viva e verdadeiramente atual que se contrapôs ao até então movimento iluminista e racionalista que estava se proliferando na Europa e, de modo particular, na Alemanha.

Ao contrário do espectro iluminista da época, Werther é caracterizado como um homem que é dominado pelas emoções, regido pelos sentimentos e desejos do coração. Em resumo, o romance se trata de uma coletânea de cartas que o protagonista por nome Werther envia para seu amigo e confidente Guilherme. Essas cartas retratam toda a frustração amorosa de Werther para com sua amada Carlota, culminando em um fim trágico. Muito se especulou tentando associar a leitura do livro como um possível “gatilho” dos leitores para o suicídio, popularizando, inclusive, a expressão “efeito Werther” ou suicídio de contágio, até hoje pouco provável, pelo menos cientificamente.

Segundo Minois (2018), o século XX continua contraditório com relação ao suicídio: continuamos admirando os suicídios literários ou de militares que se recusaram a abandonar seus postos e condenar todo tipo de suicídios ordinários e infelizes, que não

são vistos como suficientemente nobres. É contraditório no sentido de que os suicídios literários romanescos apresentam situações em que um forte sentimento, seja ele o amor, o remorso ou a honra acabam por enobrecer e até mesmo transformar em heróis os personagens que se matam. Por outro lado, o suicídio comum continua a ser tratado como uma atitude de covardia, coisa da plebe ou de algum pagão totalmente desapegado a Deus. Não há qualquer nobreza no suicídio comum.

É imprescindível ter em questão o suicídio enquanto um fenômeno que perpassa a história da humanidade e que, a cada período, surgem maneiras variadas de entender, e quem sabe, lidar com esse ato. Isso quer dizer que o contexto histórico influencia o modo como esse tema vem sendo abordado. Nesse sentido, cabe ressaltar que foi nos séculos XIX e XX que o suicídio passou a ser problematizado quase que exclusivamente a partir de certo determinismo médico. No entanto, o que é chamado de paradigma médico tende a reduzir a explicação da imensa maioria dos casos de suicídios a indivíduos que sofriam de transtornos mentais. O sofrimento intenso não é um transtorno mental, sequer é antinatural ou antirracional, como aparenta ser. Porém, o que antes era tratado como crime ou pecado, passou a ser tratado, de forma equivocada, como uma variante daquilo que o senso comum chama de loucura.

Na Idade Média, no geral, o suicídio era visto como pecado. Tempos depois, já na Modernidade, era visto como crime e, nos séculos XIX e XX, o eixo acaba por se deslocar para a perspectiva médica e psicológica. Não por acaso, é também no século XIX que a Psiquiatria se destaca como disciplina independente e passa a encarar o suicídio como sintoma de uma ou várias doenças mentais. Rumamos, então, de um discurso monológico da Teologia para um discurso monológico da Psiquiatria. Esse discurso reducionista psiquiátrico encontrou sua maior crítica em Durkheim, em fins do século XIX, mas são esses discursos da alienação mental e daquilo que o sociólogo chamou de monomanias que ainda permeiam os discursos médicos da atualidade.

O suicídio não é qualquer morte, é uma determinada morte, que ocorre em um momento histórico específico, em uma sociedade específica, que no caso do estudo em questão, é a de tipo capitalista. O suicídio, encarado a partir de uma perspectiva histórica e sociológica, é a denúncia de uma crise coletiva, sendo o grande desafio para a saúde pública no Brasil e no mundo a junção de vários saberes científicos para a abordagem do fenômeno.

Em resumo, nos séculos XVI, XVII e XVIII, iniciaram-se discussões sobre a liberdade que, por vezes, tiveram como debate central o suicídio, inclusive na literatura.



Em contrapartida, nos séculos XIX e XX, houve uma espécie de ocultamento do tema, em uma sociedade que se consolidou em função do dever de viver. Grosso modo, é possível concluirmos que a questão do suicídio não avançou realmente do século XVI ao XX. Hoje dispomos de toda sorte de informações e estatísticas sobre o suicídio, mas a questão só avançará quando admitirmos que não é tão óbvio quanto parece viver a vida a qualquer preço em vez de suicidar-se.

Em *As virgens suicidas* de Jeffrey Eugenides, não é o amor não correspondido e nem tão pouco qualquer tipo de sofrimento físico ou mental que acabou por tornar a vida das cinco irmãs Lisbon insuportável. O sonho americano e a promessa de uma vida idílica esbarraram no cotidiano de violências e sofrimentos aos quais estava imersa a família Lisbon. Parto, então, da hipótese de que, no campo literário e, em particular, no livro *As virgens suicidas*, o suicídio pode ser abordado não como uma questão romântica, heroica, filosófica, política ou médica, mas como uma questão essencialmente social.

A referida obra não oferece, em nenhum momento, uma resposta definitiva ao impasse, nem qualquer mensagem ética ou ideia moralizante como conclusão para a narrativa. A morte, em *As virgens suicidas*, é tratada de forma estética e as cinco irmãs agem de forma a interditar a opressão sofrida, não só no seio da família, da escola ou do bairro, mas de toda sociedade. Desamparadas, ou sucumbiam ou se matavam. A narrativa nos leva a pensar que lhes era insuportável viver.

O suicídio das irmãs pode ser entendido como um gesto transgressor e subversivo com relação às normas sociais. A imagem das virgens suicidas não deve ser simplificada, como a imagem de um morto qualquer, mas projetada de uma forma ampla, composta por imagens da vida que trazem à tona experiências e sofrimentos. A morte, em *As virgens suicidas*, pode ser atribuída à metáfora da viagem – dias preparando as malas, revisando o carro, arquitetando a ajuda dos meninos –, planejando, na verdade, uma viagem sem volta, uma fuga para um lugar nenhum, bem longe dali.

Eugenides, com maestria, sugere mais do que diz. Desde o início do livro, sabemos qual fim trágico caberia a cada uma das irmãs. Mesmo assim, não há uma sensação de vazio que perpassasse todo romance. Mas era como se as irmãs existissem sem realmente viverem. Uma espécie de existência lacunar, produto de uma sociabilidade capitalista que foi, ao final, preenchida com a morte.

## CAPÍTULO 2

### O ROMANCE AS *VIRGENS SUICIDAS* E A EFEMERIDADE DA VIDA

#### 2.1. *História e romance: definindo um caminho de abordagem*

No romance *As virgens suicidas*, escrito por Jeffrey Eugenides, encontramos-nos em um bairro de classe média de um subúrbio norte-americano na década de 1970, com a família Lisbon. Por meio do narrador somos apresentados a essa família: pai, mãe e cinco filhas com idades entre treze e dezessete anos que, à medida que têm suas vidas narradas, levam o leitor a imergir no universo das relações parentais e sociais características do período que guarda os eventos de suicídios das cinco irmãs.

Nesse sentido, o romance do escritor estadunidense deve ser encarado como uma representação de uma realidade que está circunscrita em determinado espaço e tempo. Um retrato representativo do lugar do suicídio na sociedade contemporânea que ajuda na compreensão, análise e interpretação das relações sociais daquela época, mas que também ilumina as reflexões sobre o fenômeno do suicídio no tempo presente. Tratar o romance como uma representação da realidade não significa entendê-lo:

(...) nem como o reflexo do real, nem a oposição deste, e sim representações historicamente construídas que colocam em campo forças que se relacionam e definem o imaginário acerca do real como construção social (SENA JUNIOR, 2010, p. 8).

Este campo de forças nada mais é do que o conjunto contraditório das ações humanas constituídas dentro de um campo social e historicamente determinado. No romance, encontramos não apenas o autor e sua imaginação, mas a expressão de uma imaginação social e historicamente datada.

Deste ponto de vista, tem razão Pesavento ao afirmar que:

O imaginário encontra a sua base na ideia de representação. Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente (2006, p. 2).

Se a realidade é o referente para o processo de construção da representação, deve ser ela um dos principais focos de atenção do historiador que se interessa pela literatura como fonte ou objeto de pesquisa. Cabe ao historiador buscar reconhecer como a literatura que, neste caso, trata-se de um romance, revela elementos da realidade histórica e social, especialmente sobre o momento em que ele escreve.

O estudo deste referente contribui fundamentalmente para além da crítica literária e busca colocar o livro e a literatura como parte constitutiva de uma realidade histórica e por isso mesmo testemunho dela. Nesse caso, a literatura ganha valor dentro da pesquisa histórica enquanto um problema que é capaz de anunciar. O romance de Eugenides enuncia, por meio de sua narrativa, o suicídio como um drama histórico e social. Apoiado nesta perspectiva, busquei entender como o livro de Eugenides cria um mundo de sonhos e tensões que ajudam contextualizar o sentido da morte voluntária entre adolescentes.

Em uma narrativa ficcional de uma tragédia que realmente poderia ter acontecido, o autor colocou como problema central o suicídio e a adolescência na sociedade americana dos anos de 1970. E o fez de forma bastante coesa, o que corrobora com as palavras, mais uma vez, de Pesavento:

Mas, em princípio, o texto literário precisa, ele também, ser convincente e articulado, estabelecendo uma coerência e dando impressão de verdade. Escritores de ficção também contextualizam seus personagens, ambientes e acontecimentos para que recebam aval do público leitor (2006, p. 7).

Conferir “impressão de verdade” à ficção, como diz Sandra Pesavento, implica em elaborar e articular os elementos de um romance buscando a verossimilhança de modo que a narrativa expresse experiências da vida real. Portanto, a ficção pode ser relacionada ao campo do historiador, não apenas como fonte de determinado tempo histórico, mas também como leitura possível de determinados problemas de interesse da sociedade e do historiador, como é o suicídio.

Ficção, portanto, não é pura fantasia. Ficção é uma construção a partir de algo que deixou indícios. A história das cinco irmãs é representativa de determinada realidade, considerando o espaço e o tempo em que se desenrola a trama. É sem dúvida um romance de ficção, porém, é justo pensar que as irmãs existiram enquanto possibilidades, como perfis que retratam uma metáfora da realidade.

Em outubro de 2019, o site de notícias UOL trouxe uma reportagem de Luiza Souto que relatava o suicídio de dois irmãos. Em um intervalo curto de três anos, os dois cometeram suicídio. O caso ocorreu na cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. Assim como a família Lisbon, a família desses dois jovens parecia ser tranquila e comum em sua superfície. Assim como os Lisbon, a família desses dois adolescentes, apesar das diferenças de tempo e lugar, também foram surpreendidas pela morte intencional de seus dois filhos. Este exemplo de 2019, dentre tantos outros, parece ser suficiente para compararmos uma realidade de um caso de suicídio de adolescentes com o enredo do romance de Eugenides. Guardadas as devidas proporções, não restam dúvidas de que o enredo de Eugenides é parte representativa de uma realidade bastante comum.

Em seu diálogo com o “real”, o romance de Eugenides nos oferece uma oportunidade de mergulhar na densa e confusa história das relações sociais e parentais que atravessam a prática do suicídio. Esta obra, então, é como se fosse o verbete de uma enciclopédia que guarda um pouco do passado, um saber representativo acerca de uma época.

O romance enquanto texto de ficção, como já foi dito, é o campo por excelência da metáfora: fala de coisas que, na verdade, apontam para outras coisas. São múltiplas as interpretações. Por isso, é melhor falarmos em verdades, no plural, verdades que estão escondidas sob camadas de interpretação. São, portanto, vários enfoques que podem ajudar a esclarecer um processo histórico e as relações que são produto deste.

Talvez esta seja uma das maiores riquezas da fonte literária para a pesquisa histórica. Esta pluralidade nos oferece caminhos diferentes de compreensão das formas de viver, sentir e pensar de uma determinada época. Como afirma Sena Junior (2010), o romance como fonte literária e a literatura no geral, que servem aos historiadores como testemunhos históricos, apresentam propriedades próprias e precisam ser interrogados de maneira específica. Nesse caso, a questão central a ser considerada na análise da literatura não é tanto o sentido ficcional de testemunho, mas sim a especificidade de cada testemunho, dentro de seu lugar no tempo e no espaço.

Para tanto, é preciso realizar algumas perguntas básicas sobre a obra literária, tais como: quais são as condições históricas em que ela foi produzida? Em que contexto histórico a obra foi elaborada e publicada? Quem é seu autor? Qual seu lugar social? As respostas a estas questões são necessárias para compreender aquilo que o autor testemunha em sua obra consciente ou inconscientemente.

Nesse sentido, afirma Grecco: “É importante destacar a literatura como testemunho ou documento histórico, no sentido de valorizar a riqueza do texto ficcional como fonte que, de forma indireta, fala do mundo, através de uma linguagem metafórica e alegórica” (2014, p. 46). Como metáfora ou alegoria, a literatura de ficção produz uma espécie de virtualização do significado, ou seja, sua expressão transmite um ou mais sentidos além do literal. Fala de uma coisa querendo dizer uma ou mais outras coisas.

Para Ligia Chiappini, “os historiadores hoje buscam na literatura vestígios de ‘fatos’ menos palpáveis que só se captam pela sensibilidade, intuição ou imaginação, por metáforas mais que por conceitos” (CHIAPPINI, 2000, p. 24). As narrativas não são idênticas e cada uma aproxima de forma diferente o historiador da realidade, mas nenhuma tem a pretensão de esgotar a realidade. É o olhar de um observador privilegiado sobre determinado período/problema. As narrativas históricas e literárias, dessa forma, cooperam uma iluminando à outra. Ainda a partir das reflexões de Pesavento, quando a História coloca determinadas perguntas, ela se debruça sobre a literatura como fonte. É como se a História perguntasse e a literatura respondesse (2006, p. 7). Por isso, é muito importante que sejam feitas as perguntas corretas.

O historiador deve atentar-se para o fato de que quando a literatura e, particularmente, o romance resgata temas históricos, fazem-no de maneira seletiva, produzindo uma nova interpretação destes e, por esta razão, conferindo-lhes um novo sentido. Geralmente, este novo sentido está fortemente ligado ao momento de elaboração e ao lugar que o autor ocupa social, cultural e politicamente. É deste ponto de vista que importa tanto ao historiador desvendar este referente de realidade para entender a forma e o conteúdo assumidos pelo texto literário.

Nesse caminho de abordagem da literatura, o historiador deve se atentar também para uma diferença entre o seu interesse pela história e o interesse da obra literária. A segunda, orientada pela liberdade do trabalho da representação, tem um fim distinto daquele que é o trabalho do historiador. Por esta razão, devemos sempre lembrar que o sentido de fonte/documento a ela atribuído não é o mesmo que o autor atribui a sua obra. Em síntese, a obra literária não foi criada para ser um testemunho e quem delega esta característica a ela é o historiador. O romance literário não é uma fonte em si, mas pode ser tratado como tal.

Deste modo, a literatura seria, nos termos apontados por Bloch (2001), um “testemunho involuntário”. O romance não foi escrito para servir de documento para o historiador, sendo ele que o torna indício de uma realidade a ser investigada.

Obviamente, toda esta operação está contida dentro de limites, cabendo ao historiador elaborar sua investigação tomando como referência o real, o real vivido e o representado pelo autor e pela obra literária.

A análise de uma fonte literária deve partir da compreensão das vozes dos personagens principais e secundários, mas também da voz do próprio autor que escreve de acordo com determinado local, condição social e econômica, cultural e política, inclinação ideológica, classe social, ou seja, muito do que está escrito no texto literário, apesar de ficcional, é verossímil e se aproxima em maior ou menor medida da realidade. Historicizar a obra literária é assumi-la de vez como evidência histórica.

Sobre o escritor do romance, sabe-se que o norte-americano Jeffrey Eugenides viveu toda sua adolescência em Grosse Pointe, mesma cidadezinha onde se passa seu romance, próxima à cidade de Detroit nos Estados Unidos. É um romance sobre adolescentes que fala muito sobre sua própria condição de adolescente. Eugenides é filho de imigrantes gregos, lançado à toda sorte de tensões e conflitos por conta de sua condição. Ao escrever sobre as Lisbon, o bairro e a cidade, escreve muito sobre si mesmo. Uma Detroit em franca decadência penetra e envolve tanto o texto como o autor.

Convém, portanto, ressaltar que devemos considerar também a biografia do escritor no processo de interpretação do seu texto literário, “as condições socioculturais que formam sua personalidade, as escolas e os movimentos literários que lhe forneceram os modelos estéticos e o complexo ideológico em que viveu, para melhor compreender as perspectivas ideológicas de seus escritos” (SENA JUNIOR, 2010, p. 10), isto é, qual sua intenção. É necessário relacionar os discursos proferidos pelo autor com a posição social de quem os produz e de quem os utiliza, visto que as percepções do social absolutamente não são neutras, mas, pelo contrário, são sempre seletivas.

Como comprovaremos com dados estatísticos mais adiante, ainda neste capítulo, a sociedade norte-americana, do contexto no qual se passa o romance, começava a enfrentar uma epidemia de suicídios e um aumento expressivo do número de casos, especialmente de adolescentes. Quando Eugenides escolhe por esse tema tão caro e controverso, retoma uma discussão que, de praxe, sempre foi muito negligenciada: o problema do suicídio na sociedade contemporânea e o suicídio de adolescentes.

Tendo isto em mente, propomos discutir a problemática da morte voluntária na obra *As virgens suicidas*. Tal proposição emerge do significado que este tema adquiriu na sociedade atual, ou seja, emerge do nosso presente, a partir do qual nos colocamos a

pensar e indagar sobre os processos históricos recentes que podem nos ajudar a entender os processos que engendram o fenômeno social do suicídio, particularmente entre adolescentes.

Porém, tal escolha foi também determinada pela própria fonte, uma vez que o livro *As virgens suicidas* foi um livro escrito dentro do contexto que buscamos estudar. Afinal, o suicídio não é um fenômeno exclusivo da sociedade contemporânea e pode ser observado em diferentes momentos da história humana. Analisá-lo de maneira genérica seria uma tarefa impossível para os limites de uma Dissertação. Por este motivo, nosso objetivo é estudá-lo no contexto da história recente. Para tanto, escolhemos o livro *As virgens suicidas*, que se mostrou um material primoroso para explorar como a morte voluntária foi expressa e representada no universo literário nos anos finais do século XX, a partir da história de cinco irmãs que tiram a própria vida.

Para realizar esta investigação, apoiamo-nos na seguinte questão: como contextualizar o suicídio das cinco irmãs Lisbon? É possível inferir uma relação entre o suicídio e a natureza das relações sociais características do sistema capitalista? Ajuda a responder estas questões um quadro histórico, mesmo que breve, sobre o suicídio no capitalismo ou como o suicídio foi (e continua sendo) abordado sob a ótica capitalista.

Com o advento da Revolução Industrial e o surgimento, desenvolvimento e consolidação do modo de produção capitalista, o suicídio, agora descriminalizado<sup>11</sup>, passou a ser objeto de estudo da Medicina e da Psiquiatria, mas também, e em menor medida, da Sociologia. Nesse sentido, afirma Minois (2018, p. 392):

As estatísticas que começam a surgir permitem que se avalie a amplitude exata do fenômeno. A psiquiatria e a sociologia põem em destaque as fragilidades morais e mentais do indivíduo, bem como as deficiências e injustiças da estrutura social.

O suicídio é um tema passível de abordagem nas mais diversas áreas do conhecimento, entre elas, a jornalística, filosófica, sociológica, antropológica, psicológica, médica, jurídica, histórica, política, religiosa, ética, etc. É um fenômeno que muda no decorrer do tempo e do espaço assumindo diferentes configurações. Mas é

---

<sup>11</sup> Na Idade Média, as atitudes diante do suicídio eram de condenação teológica. O autoextermínio era um pecado terrível. Com o passar do tempo o suicídio passa a ser associado a distúrbios mentais, objeto de estudo da Medicina e Psiquiatria. Com isso, as penalidades foram relaxadas no século XVIII. O suicídio foi secularizado e, na prática, descriminalizado. Hoje, as religiões cristãs tocam pouco no tema, quase não falam sobre, pelo menos no Brasil. Algo parecido com a palavra “câncer” e seu significado e cuja pronúncia é proibida dentro das casas, independentemente da classe social. Quando muito aceita-se a utilização do termo “aquela doença”. Acredita-se que pronunciar a palavra atrai a doença e consequentemente a morte.

a partir da Modernidade, que um novo tipo de sociabilidade se impõe aos indivíduos. Um tipo de sociabilidade que é resultado da lógica reprodutiva do capital, de uma lógica pautada na produção e no consumo de mercadorias, expropriação e alienação do trabalho.

As consequências desse novo tipo de sociabilidade foram apontadas por Minois (2018) e, segundo ele, representam certa “fragilidade moral”. Esta fragilidade, produto do modo de produção capitalista e de suas relações, corrobora com a problemática que será exposta aqui de que a lógica de produção capitalista tem capacidade de (in)gerir ações destrutivas, mais especificamente a morte voluntária, não poupando os adolescentes.

O enfoque das patologias, sejam elas fisiológicas ou psicológicas, não é objetivo da pesquisa proposta aqui. Sabemos que há um caráter quase hegemônico da abordagem do fenômeno do suicídio a partir da Medicina, Psiquiatria e psicanálise que acaba, muitas vezes, por negligenciar a abordagem histórica, sociológica ou mesmo antropológica, criando uma lacuna que precisa ser preenchida. O suicídio é um fenômeno social e, por isso, consideramos que suas causas também têm uma possibilidade de explicação social.

Vivemos em um contexto sócio-histórico de negação da morte. A morte tem uma dimensão simbólica. É um fenômeno impregnado de valores e significados dependentes do contexto sociocultural e histórico. O ser humano caracteriza-se também e, principalmente, pelos aspectos simbólicos, ou seja, pelo significado ou pelos valores que ele imprime às coisas. Por isso, o significado da morte varia necessariamente no decorrer da história e entre as diferentes culturas humanas.

Assim como afirmam Combinato e Queiroz (2006, p. 210), para o homem ocidental moderno, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha. Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e negada. Em resumo, o desenvolvimento do capitalismo transformou o corpo humano em um instrumento de produção. O suicídio, nesse contexto, significa deixar de produzir. É uma espécie de negação do capitalismo, algo execrável aos olhos dos outros e que deve ser escondido do mundo social. Em especial às classes trabalhadoras, das quais depende a produtividade do mundo material, diretamente identificada com a saúde do corpo.

A sociedade do capital é baseada em um culto à vida e uma negação da morte: é como se fossemos imortais quando afastamos de nós o pensamento de nossa própria



finitude. Dessa forma, abrir mão deliberadamente de nossa própria vida é deveras uma afronta aos valores e à própria sociabilidade capitalista. Mas o que, para alguns, é um mal a ser combatido a qualquer custo, é, para outros, uma resposta e uma consequência, entranhadas na vida social e cultural, de violências e de sofrimentos sociais.

Dessa forma, deixa de ser somente um item nosográfico – classificado enquanto doença - e passa a ser um elemento indissociável da experiência humana. Enquanto o fenômeno do suicídio continuar a ser tratado como item nosográfico, sua compreensão e possível antecipação (prevenção) continuarão sujeitas tão somente à sua manifestação sintomática. O suicídio, pelas suas dimensões e complexidade, é um problema que se coloca em relevo na sociedade do capital. Existem condições gerais de reprodução social no interior do capitalismo que, muito provavelmente, propiciam tal fenômeno.

Isto faz com que pensemos que suas raízes são muito mais profundas que sua manifestação imediata em sua forma patológica psicossocial. No geral, a maioria das abordagens sobre o fenômeno negligencia o elemento estrutural que engendra o funcionamento do sistema capitalista, preferindo, desta forma, ignorar um elemento fundamental que coloca em xeque todo um sistema de relações subsumido pelo capital, ao invés de procurar nele as causas mais profundas do suicídio.

Este elemento, de acordo com Santos e Almeida (2016, p. 65), é a contradição entre o capital e o trabalho:

Marca maior do capitalismo, e todas as consequências dela advindas que se assenta a perda da plenitude e da autenticidade da vida mediada pela objetivação da existência privada da propriedade privada com consequências devastadoras no âmbito do psiquismo humano que se espraiam da reprodução material até as formas sociais da consciência.

Essa mudança dos meios de produção é acompanhada por alterações sistemáticas nas relações socio-reprodutivas do capital. Têm a capacidade de modificar a forma de agir e pensar do ser social, influenciando em seu comportamento ético e nos valores morais que cultua.

No capitalismo, as relações são todas permeadas por interesses financeiros e causam certo estranhamento ao ser social. O comprometimento do produto e também do processo de trabalho pela relação privada da propriedade compromete também as possibilidades e capacidades humanas de ampliação da subjetividade. O resultado é uma vida inautêntica, que infere condições apropriadas para a efetivação do suicídio, além de uma série de patologias psíquicas.

As pressões emanadas da moral burguesa, entendida aqui como um conjunto de ideias morais, culturais, filosóficas que constroem a visão de mundo e subjetividade dos indivíduos de nossa sociedade, agem sobre todo tipo de comportamento. Na consciência dos indivíduos, a moral burguesa opera uma dominação simbólica, pela qual o dominado não se vê como dominado.

Enquanto uma autêntica família de classe média norte-americana da década de 1970, a família Lisbon é formada pelo pai, mãe e as cinco irmãs adolescentes. À primeira vista é uma família comum, mas, na verdade, o enredo esconde todo um cotidiano de violências e sofrimentos que vão impactar a vida da família e mais ainda das cinco irmãs ao ponto de elas decidirem pela morte de si mesmas.

É uma família organizada em torno da figura do pai, provedor da família, professor do colégio onde as filhas estudam, enquanto a mãe está limitada e circunscrita aos afazeres domésticos, isto é, à vida privada do lar, reproduzindo desta forma a lógica de dominação característica de uma família burguesa.

O bairro onde se encontra a casa dos Lisbon é também um autêntico bairro de subúrbio, habitado majoritariamente por imigrantes que trabalham, em sua maioria, em fábricas de automóveis nos arredores da pequena cidade de Grosse Pointe, onde se passa o romance. Grosse Pointe é como se fosse uma cidade de região metropolitana de Detroit, no estado do Michigan, nos Estados Unidos. É para Detroit que se deslocam, todos os dias, os imigrantes operários para o trabalho nas fábricas.

A impressão que o tempo todo persegue o leitor do romance é a de que a vida de todos ali está sob forte tensão. Parece que todos estão o tempo todo a se vigiarem. É como se a vida do outro fosse sempre mais interessante do que nossa própria, em um movimento constante, interminável e claustrofóbico de cuidar da vida alheia e saber, em especial, o que se passa com aquelas meninas de rostos e corpos angelicais dentro daquela casa com ares de prisão.

Se a vida ali era deveras ruim e, por vezes, insuportável, pode-se perguntar: por que elas não decidiram fugir em vez de se matarem? Ao mesmo tempo, ao avaliar que esta não foi a possibilidade encaminhada pelo autor, trata-se de entender, naquele contexto, que a fuga se deu com o próprio suicídio. A morte voluntária seria um movimento irreversível de anulação de um tipo de sociabilidade insustentável.

É possível, então, a partir desse ponto, retornar à nossa problemática: será que o suicídio das irmãs Lisbon é um desdobramento da experiência individual e coletiva com

o capitalismo e suas formas de opressão, materializada em um tipo de sociabilidade que alguns não suportam? Esta é a questão que vamos tentar explorar a seguir.

## **2.2. *Sociedade moderna e suicídio: As virgens suicidas no contexto***

Para começar nossa análise do romance, consideramos fundamental entender o próprio Jeffrey Eugenides. Conhecer o autor e o contexto em que ele viveu e vive é um caminho importante no trabalho de interpretação da obra. Trata-se de saber onde nasceu, qual sua formação, onde e como passou sua adolescência, onde construiu suas referências e, a partir desses elementos mais externos do romance, ampliar a perspectiva de análise sobre o próprio enquanto documento histórico. Enquanto expressão artística e fonte literária, o texto nos informa acerca de determinada visão de mundo e de quais valores o escritor partiu para desenvolver o enredo. É uma representação de uma realidade que poderia ter acontecido.

O autor, Jeffrey Eugenides, nasceu em Detroit, no condado de Wayne, Estado de Michigan nos Estados Unidos, em 1960. De origem grega, estudou em uma escola privada de Grosse Pointe, também no condado de Wayne. Grosse Pointe, como dito anteriormente, é também a cidade onde é ambientado o seu primeiro romance, *As virgens suicidas*. Recebeu seu diploma de Graduação na Brown University em 1983. Mais tarde, foi professor de Escrita Criativa da Universidade de Stanford e hoje vive em Nova Jérsei com sua esposa, onde é professor de Escrita Criativa da Universidade de Princeton.

Desde 1993, com o lançamento deste romance, Eugenides é um dos escritores mais aclamados de sua geração. Muito aguardado, seu segundo livro, *Middlesex*, foi lançado em 2002 e recebeu o prêmio *Pulitzer*<sup>12</sup> de melhor romance do ano. *The Marriage Plot*, no Brasil traduzido como *A trama do casamento* ou *O enredo conjugal*, é seu terceiro romance. *Middlesex* é a história da vida de uma menina que, por uma alteração genética desconhecida e rara, descobrir-se-ia um menino na adolescência. Em *The Marriage Plot*, Eugenides, narra um triângulo amoroso em uma universidade americana na década de 1980, vivido por uma mulher e dois homens.

---

<sup>12</sup> O prêmio *Pulitzer* de Ficção é um dos sete Prêmios *Pulitzer* americanos que é entregue anualmente a sujeitos das áreas da Literatura, Teatro e Música. Reconhece a ficção excepcional de um escritor americano, que lide preferencialmente com a vida americana e que tenha sido publicada no ano precedente.

Seu romance *As virgens suicidas* despertou grande interesse de público graças à sua adaptação para filme de mesmo nome, em 1999, dirigido por Sofia Coppola. Filha de Francis Ford Coppola, Sofia Coppola estreou como diretora em *As virgens suicidas* e faturou o prêmio como melhor diretora estreante no *MTV Movie Awards*<sup>13</sup> de 1999. O primeiro capítulo do livro foi publicado na *The Paris Review* em 1990 e 1991 e, na época, ganhou o prêmio *Aga Khan* para melhor romance de ficção<sup>14</sup>.

Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, em 1994, quando perguntado sobre o contexto histórico e cultural em que se passa a história, o escritor afirma que “foi o tempo e o lugar em que passei minha adolescência. Todas as minhas referências, a música, a roupa, vêm de lá” (REZENDE, 1994). O que quer dizer que o autor escreveu sua história a partir de sua própria experiência enquanto adolescente, sobre a mesma época e no mesmo lugar no qual escolheu ambientar seu romance. Portanto, é coerente a afirmação feita pelo escritor anos depois de que “Há momentos nos romances que são absolutamente verdadeiros”, em uma conversa em Toronto, quando do lançamento de seu terceiro romance, *The Marriage Plot*, em 2011. “É esse tipo de romance, onde por vezes se encontra a verdade, que quero escrever” (LUCAS, 2014).

Em outro momento, em entrevista a *W Magazine*, em outubro de 2017, quando perguntado sobre como era escrever sobre adolescentes, Eugenides respondeu:

Sempre posso escrever sobre adolescentes. Ainda estou ligado a adolescentes. Eu costumava ser um, ainda sou, mas agora também tenho um, então há adolescentes por todos os lados. Eu não acho isso particularmente assustador. Obviamente, é mais fácil escrever sobre adolescentes dos anos 70, porque me lembro de todas as referências culturais de então, mas em geral não encontro uma barreira muito grande. E minha filha tem 19 anos agora, então eu tenho revivido ou testemunhado a vida adolescente nos dias atuais e de perto<sup>15</sup>.

Sem a pretensão de um retrato fiel da realidade, Eugenides acaba por entregar uma história intrigante que tem como problema o fenômeno do suicídio, mais especificamente, o suicídio de adolescentes. Aquilo que parece ser o pano de fundo, ou

---

<sup>13</sup> Os Prêmios MTV Movie & TV (no original, em inglês: *MTV Movie & TV Awards*; antigamente *MTV Movie Awards*) é uma cerimônia de entrega de prêmios do cinema e da televisão estadunidense, transmitida anualmente pela *MTV*.

<sup>14</sup> O prêmio *Aga Khan* de Ficção foi criado pelos editores da *The Paris Review* para premiar o que eles consideravam ser o melhor conto publicado na revista em determinado ano. *The Paris Review* é uma revista literária francesa trimestral criada em Paris, em 1953. A sede da *The Paris Review* mudou-se de Paris para Nova York em 1973.

<sup>15</sup> Em tradução livre.

seja, a casa, o bairro, o colégio, a cidade, são, na verdade, fundamentais para investigação acerca do suicídio em série das irmãs.

Durante a década de 1970, Eugenides viveu sua adolescência em Grosse Pointe. Suas experiências enquanto adolescente, entre os treze e dezessete anos, que correspondem exatamente à faixa etária das irmãs Lisbon, provavelmente também foram cheias tensões e conflitos, em uma época na qual Detroit sofria com um processo de deterioração econômica e suas consequências. Todas essas pressões e tensões aparecem no romance que se torna muito representativo dessa determinada realidade.

Na leitura do romance, esse processo de deterioração vai ficando cada vez mais evidente, na medida em que as meninas vão sendo aprisionadas em casa. É outro sentido de deterioração. Após a morte de Cecília, que é a irmã mais nova, de treze anos, a casa é abandonada e, junto com ela, todos os que ali habitavam passam a definhar. O telhado que começa a perder a cor e a cair, a grama que nunca mais foi cortada e, segundo a narrativa dos meninos, a casa exalava um cheiro de mofo e morte. As meninas só comiam comida congelada e era como se estivessem mesmo morrendo.

Portanto, não foi à toa que Eugenides escolheu esse momento histórico da sociedade americana de fins do século XX e essa pequena cidade nos arredores de Detroit. Uma Detroit em franco processo de recessão econômica e destruição do sonho norte-americano, que foi palco de sua própria adolescência, tornou-se pano de fundo para discutir a problemática do suicídio na adolescência. O desmoronamento do chamado *american way of life* e as consequências do sonho norte-americano inalcançável têm importantes reflexos no cotidiano da cidade, do bairro, do colégio, da família e são representados no romance por Eugenides. A partir desta breve explicação sobre o romance como fonte histórica, passemos à análise interna do romance.

### **2.2.1. O romance**

Possivelmente, assim como as outras famílias, os Lisbon foram atraídos pelas novas perspectivas de trabalho nos subúrbios e pelo sonho norte-americano de adquirir a propriedade de uma casa. Mas também é importante considerar que existem outros motivos, como, por exemplo, o medo e o racismo:

Enquanto as primeiras partidas ocorreram no decorrer dos anos 1950, quando do início da desindustrialização, a maior parte da população branca tomou por pretexto a revolta dos negros de 1967 – quando 43

peças morreram, o exército federal enviou tanques para deter a insurreição – para migrar. Foi então que apareceram representações apocalípticas que atribuíram a *Detroit* o apelido de *Murder City* (cidade do crime/assassinato) ou de *Devil City* (cidade do diabo), as quais exerceram o papel de profecias que não raro acabariam se realizando (POPELARD & VANNIER, 2010).

A “cidade do automóvel” da década de 1970, na verdade, estava à beira da falência e, junto com ela, o sonho norte-americano de consumismo. Esse sentimento de não realização perpassa todo o romance e, nesse caso, não poupa nenhum dos personagens, sejam eles centrais ou secundários. Aparentemente, todos estão em busca de algo que nunca alcançam, de modo que, pelo contrário, a vida se torna uma luta constante pela sobrevivência e tentativa de dar um sentido à ela própria. A todos a sociedade prometeu a felicidade, a satisfação e o conforto do *american way of life* e, em troca, entregou-lhes o sofrimento.

É nesse turbilhão de acontecimentos que vamos nos encontrar com o Sr. Ronald “Ronnie” A. Lisbon, o pai, e a Sra. Lisbon, a mãe, cujo nome não nos é revelado pelo autor dando certa impessoalidade à figura. Um microcosmo que legitima, a partir de seus valores dominantes, aquilo que supunha ser bom ou ruim, certo ou errado, moral e aceitável ou imoral e repugnável. Um lugar onde sempre que as meninas tentavam escapar às regras e experimentar de, digamos, “coisas da adolescência”, eram estigmatizadas e reprimidas.

No interior da casa, sempre a contragosto, as meninas tentavam cumprir com todas as exigências da mãe que as superprotegia como se fossem objetos sagrados e intocáveis. O medo da profanação de suas filhas era, claramente, o motor que movia a Sra. Lisbon em uma espiral obsessiva e doentia. Cabe aqui apresentar o estereótipo de uma família cristã chamada de tradicional, cuja liberdade dos membros da família está sempre condicionada às regras que, em hipótese alguma, podem ser questionadas ou descumpridas, em que pesem os castigos caso isso ocorra.

Fora de casa, no bairro, no colégio e, principalmente, aos olhos dos meninos da rua, as irmãs eram vistas como “esquisitas”, deslocadas daquilo que se espera de um adolescente “normal”: as paqueras, os namoros, as roupas fora do padrão, as ideias, enfim, uma certa rebeldia, pareciam terem sido completamente anulados. Restava-lhes a “esquisitice”. Mesmo assim, “Ninguém conseguia entender como o Sr. e a Sra. Lisbon haviam produzido filhas tão bonitas. Eram baixotas, bundudinhas em suas calças jeans e

de bochechas redondas que lembravam idêntica maciez dorsal” (EUGENIDES, 2008, p. 10).

Não é possível precisar o período exato em que se desenrola o enredo. Tudo acontece na década de 1970, começando em 16 de junho de um ano qualquer, quando Cecília, de treze anos, cortou os pulsos, e se arrastando até 16 de julho do ano seguinte, quando as outras quatro irmãs também obtêm êxito na execução do grande plano da viagem sem volta: em treze meses, todas as cinco se mataram.

A superstição do autor do romance Jeffrey Eugenides em contar a história em treze meses torna-se evidente e acaba incrementando a trama. Na numerologia, o número treze significa inconstância, alternância entre o um e o três, que são "rebeldes". Com ares de tragédia grega, o leitor já sabe o desfecho do romance desde a leitura de seu título, o que não o torna menos interessante.

### **2.2.2. *Os personagens***

A história é contada a partir de uma voz masculina, na perspectiva de um narrador coletivo que representa o grupo de meninos da rua que, mesmo à distância, partilhou e vislumbrou a experiência vivida pelas meninas e que, no livro, é recordada à distância no tempo, mais ou menos 20 anos depois da morte delas. Como detetives da vida alheia, os meninos têm acesso a uma série de 97 “peças”, incluindo fotografias, roupas íntimas e todo tipo de objetos que vão auxiliá-los na longa jornada da tentativa de desvendar o mistério do suicídio das cinco irmãs.

Essas “peças” só foram possíveis de serem juntadas a partir da venda da casa dos Lisbon, logo após a morte das meninas, quando Sr. e Sra. Lisbon, com a ajuda de um amigo da família, organizam uma “venda de garagem”, que dura três dias. As “peças” eram como um quebra-cabeça dos restos mortais das cinco irmãs, talvez o mais íntimo e mais próximo que os meninos poderiam chegar. Serviam como fortes indícios para manter viva a memória coletiva das irmãs.

Cecília, a mais nova, foi a primeira a se matar e foi a partir de sua morte que as outras irmãs começaram a arrumar as malas como se fossem viajar ou fugir para outro lugar bem longe dali. O que aparentemente a narrativa indicava que iria acontecer sofre uma reviravolta, já que, não encontrando respaldo suficiente para seguirem viagem, converteram sua energia em vontade de se matar.

No colégio, era bastante constrangedor para as meninas ter um pai como professor, não só por conta da presença vigilante dele no espaço, mas também pelo estigma de estudarem de graça: “As Lisbon não pagavam colégio por causa da posição dele, mas Mary dissera uma vez a Julie Ford, uma colega de sala, que se sentia como se estivessem lhe fazendo caridade” (EUGENIDES, 2008, p. 99). Mas o Sr. Lisbon, enquanto professor assalariado, não tinha condições de arcar com os custos do colégio das cinco filhas. Único homem de um núcleo de sete pessoas, era seu salário que garantia as condições materiais mínimas de existência da família. Se considerarmos a sociedade americana da década de 1970, fundamentada em um modelo meritocrático, Sr. Lisbon é um homem malsucedido e, por conta disso, também não poderia ser considerado um bom pai. Não se esforçou suficientemente para a produção da riqueza social, necessitando, dessa forma, de algum tipo de ajuda ou caridade para a família.

A partir de um modelo ideológico meritocrático, os indivíduos que mais trabalham, que mais se dedicam e que mais estudam têm, conseqüentemente, mais renda e mais prestígio, tudo isso graças aos próprios méritos, baseados na inteligência, perseverança e na capacidade de cada um. É possível perceber, a partir dessa breve afirmação, que recai sobre Sr. Lisbon o estigma do fracasso, experienciado pelas filhas ao “estudarem de graça”, ao dependerem de caridade. Estigmatizado é o indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena. Mary Lisbon se sentia menos pertencente ao colégio simplesmente por estudar de graça, sentimento que, provavelmente, era partilhado pelas outras irmãs.

A responsabilidade pelas rígidas regras da casa ficava a cargo da Sra. Lisbon, cuja vida se restringia aos limites da casa e da igreja. Aos sábados, iam de perua para a Igreja Católica de São Paulo. Segurando sua melhor bolsa, verificava cada filha em busca de sinais de maquiagem antes de deixá-las entrarem no carro e, não raro, mandava Lux de volta a casa para vestir algo menos revelador (ibid., p. 11).

Apesar de ser uma personagem fundamental da trama, figura central para entendermos as rígidas regras no interior da família, a partir das quais toda história se desenvolve, Sra. Lisbon é propositalmente um personagem apático, sem qualquer brilho, que o tempo todo se autoanula, anulando também os demais, mas que tem um papel fundamental. A história da Sra. Lisbon, assim como a de todos os outros personagens da trama, sem exceção, é uma história de sofrimento.

Não há um momento da trama em que ela aparente experimentar um mínimo de satisfação com relação à vida, às filhas, ao marido, ao bairro, aos vizinhos. É uma



personagem da qual sequer podemos sentir ódio e que, no máximo, inspira-nos o desprezo. Como dito anteriormente, nem nome ela tinha e todos se referiam a ela como Sra. Lisbon. É como se antes da morte das cinco filhas ela própria já estivesse “meio morta”.

Tradicionalmente, a mulher, ao casar-se, adota o sobrenome da família do marido. Isso possui raízes em antigos costumes, segundo os quais, a mulher não trabalhava e seu papel primordial na sociedade era o de constituir família, modelo reproduzido pela Sra. Lisbon. A existência dessa personagem, dessa forma, estava condicionada à existência do marido e da família. É como se não houvesse uma existência individual. Há, sim, um processo de anulação dela mesma e dos demais, gerando uma angústia constante, que vai aumentando a tensão do romance no decorrer da trama. Afinal, é ela que passa a fazer parte e é aceita na família dele, nunca o contrário<sup>16</sup>.

Se o nome civil integra a personalidade do ser humano, exercendo as funções de individualização e identificação das pessoas, é como se a Sra. Lisbon não existisse. Na breve citação a seguir, observamos para onde a Sra. Lisbon canalizava toda essa sua frustração:

Sra Lisbon não deixava as filhas namorarem e era contra danças, bailes de estudantes, e a expectativa geral de que adolescentes tivessem direito de se agarrar nos bancos traseiros dos carros (ibid., p. 59).

Restava às meninas seguir o exemplo da mãe, único possível, e que vão negar com veemência. As experiências da adolescência soavam como uma ofensa aos valores e aos costumes da Sra. Lisbon, pois, para ela, eram sagrados e, portanto, absolutos. Eram como dogmas, verdades absolutas de fundo religioso que não admitiam qualquer questionamento.

A casa era um misto de prisão e convento que, com o tempo, foi se transformando em uma espécie de *bunker* (no sótão, a Sra. Lisbon armazenava alimentos para enfrentarem uma possível guerra!). Posteriormente, acabou se transformando em um imenso caixão, no qual cabiam todas as cinco irmãs que se foram, mas também aqueles que ficaram.

---

<sup>16</sup> No Brasil, só muito recentemente, a partir do Novo Código Civil – Lei número 10.406/02, tornou-se possível alterar essa situação, ainda que não seja muito comum.

Aos olhos dos meninos da rua, em meio ao preto e branco dos pais, as meninas insistiam em brilhar: “O pai e a mãe desbotados como negativos fotográficos, e as cinco filhas cintilantes, nos seus vestidos feitos em casa, cheios de rendas e babados, explodindo com suas carnes em flor” (EUGENIDES, 2008, p. 11). Importante ressaltar que todas as cinco irmãs permaneciam virgens. Nem tanto em seu sentido relacionado à sexualidade, mas em um sentido muito mais amplo e menos óbvio: as meninas eram virgens de uma vida cheia de sentido, de experimentar a vida em todas as suas potencialidades, experiência talvez impossível em um tipo de sociedade como a nossa.

Cecília tinha treze anos. Estava sempre usando um vestido de noiva costurado pela própria mãe. Simbolicamente e aos treze anos, já esperava por alguém com quem pudesse se casar e tirá-la dali. Qualquer um. No dia 16 de junho, cortou os punhos dentro da banheira com a navalha do pai. Socorrida pelos paramédicos, era como se dançasse com a morte: “A virgem drogada levantando-se sobre os cotovelos, com um sorriso do além nos lábios pálidos” (ibid., p. 9).

Na chegada ao hospital, não disse uma palavra até que, depois de feitos os curativos, o Dr. Osmon, segurando Cecília pelo queixo, disse: “O que é que você está fazendo aqui, meu bem? Você não tem sequer idade para saber como a vida fica ruim depois” (ibid., p. 10). E Cecília retrucou dizendo aquela que deveria ser sua única explicação de suicida: “Evidentemente doutor, o senhor nunca foi uma garota de 13 anos” (ibid., p. 10). Arrisco dizer que esta frase de Cecília é a mais profunda e marcante de todo o romance. Uma menina no início de sua adolescência já demonstrando ao profissional de saúde que, talvez, conheça mais do que ele quando o assunto é a experiência do sofrimento e, quando o faz, é menosprezada.

O menosprezo com relação ao suicida é característico de nossa sociedade. Quando limitamos a análise do fenômeno à área da Medicina/Psiquiatria e Psicologia, contentamo-nos com a abordagem do problema por uma via individual, deslocada de causas sociais e, por isso, correspondente sempre a um lapso ou fraqueza do próprio indivíduo, deslocado de suas relações sociais. Analisando a partir dessa perspectiva, uma menina de treze anos, realmente, sequer sabe os motivos que a levaram a praticar tal ato. Ela simplesmente sofre e não suporta. Ledo engano.

Depois de uma semana em observação no hospital, retornam à casa, a família se tranca e ninguém diz uma palavra sequer sobre o que tinha acontecido com Cecília. Foi como um pacto. Referiam-se à tentativa de suicídio como o “acidente de Cecília” (ibid., p. 16). Como se ela tivesse se cortado caindo. Durante os sete dias no hospital, Cecília

exigiu continuar vestindo o vestido de noiva e recusou a camisola do hospital. Mesmo internada, seu sonho parecia intacto: casar e fugir.

De todo modo, esse processo de negação do fenômeno do suicídio extrapola os muros da casa.

O jornal local preferiu não publicar nada sobre a tentativa de suicídio, porque o editor, Sr. Bambee achava que informações deprimentes desse tipo não ficariam bem entre o artigo da primeira página sobre a festa das flores da Liga Juvenil, e as fotografias das noivas risonhas da última (EUGENIDES, 2008, p. 16).

A estratégia de marketing do jornal local demonstra como o suicídio e a tentativa de suicídio são tratados como “tabu” na sociedade da época, mas também hoje. A tentativa de suicídio de Cecília é vista como algo deprimente que não combinava com as notícias positivas que, geralmente, eram trazidas pelo jornal e, por isso, foi condenada ao esquecimento.

Um jornal local é muito representativo do conjunto de valores e aspirações e das relações que as pessoas estabelecem em determinado lugar, isto é, no geral, as decisões do jornal refletem também, em alguma medida, o pensamento do conjunto das pessoas daquele bairro. Apesar de que, naquela mesma edição, havia também um artigo sobre a greve dos cozeiros que duraria exatos 409 dias, cuja chamada, por sinal, era muito sugestiva: “Corpos empilhados, nenhum acordo à vista” (ibid., p. 16).

Para Marx (2006, p. 29), o suicídio é mais um dos sintomas de uma sociedade doente, que fornece de forma sistemática um contingente de suicidas:

(...) o suicídio não é mais que um entre os mil e um sintomas da luta social geral, sempre percebida em fatos recentes, da qual tantos combatentes se retiram porque estão cansados de serem contados entre as vítimas ou porque se insurgem contra a ideia de assumir um lugar honroso entre os carrascos.

Várias foram as especulações sobre o porquê de Cecília ter tentado se matar:

- Primeira teoria – Sra. Buell: “Ela não queria morrer, só queria sair daquela casa” (EUGENIDES, 2008, p. 18);
- Segunda teoria – Sra. Scherr: “Ela queria livrar-se daquela decoração” (ibid., p. 18) - referindo-se às cortinas cafonas que podiam ser vistas do lado de fora da casa;
- Terceira teoria – Sr. Buell: “Elas não se relacionavam com Deus” (ibid., p. 19);

- Quarta teoria (e mais popular entre os personagens) – Cecília era apaixonada por Dominic Palazzolo, um imigrante mexicano, cujo amor não era correspondido, uma suposta paixão que posteriormente foi desmentida;

- Quinta teoria - a partir do relatório psiquiátrico do Dr. Hornicker, que dizia: “Ato de agressão motivado pela repressão dos impulsos libidinais da adolescência” (ibid., p. 21). Para o médico, foi um grito de socorro.

Cecília, quando perguntada por que queria se matar, admite que foi um erro, no sentido mórbido de não ter obtido êxito em acabar com sua própria vida. Fica nítido que sabia muito bem o que estava fazendo. Ainda sobre o relatório, prosseguiu Dr. Hornicker:

Aos treze anos Cecília deveria ter permissão para usar o tipo de maquiagem comum às garotas da sua idade, a fim de se relacionar melhor com elas. O mimetismo dos costumes partilhados é um degrau indispensável no processo de individuação (ibid., p. 21).

A orientação médica, portanto, foi no sentido de “afrouxar as regras”, orientação que a Sra. Lisbon não concordou, mas cumpriu, sugerindo, inclusive, que fosse feita uma festa na casa, aceitando o pedido das meninas para que alguns dos meninos da rua fossem convidados. Foi a primeira e última festa.

O evento foi o tempo todo monitorado pelo Sr. e Sra. Lisbon. Cecília ainda no início da festa pediu para se retirar e se despediu. Sua voz soava velha e cansada (ibid., p. 27). Subiu para o primeiro andar e se atirou pela janela, caindo sobre a cerca morrendo espetada por uma das lanças. O desespero do pai é narrado a seguir:

Tentava arrancá-la da ponta que havia furado seu seio esquerdo, viajado através do seu inexplicável coração, separado duas vértebras sem danificar nenhuma delas, e saído nas costas rasgando o vestido e reencontrando o ar. Ela tinha conseguido, na segunda tentativa, lançar-se para fora do mundo (ibid., p. 28-29).

A partir desse ocorrido, Sra. Lisbon tranca completamente as meninas em casa em uma decisão desesperada para protegê-las dos perigos do mundo de fora. O suicídio de Cecília foi tratado oficialmente como acidente, assim como o das outras quatro irmãs um ano depois. O velório ocorreu na própria casa, algo ainda comum nos Estados Unidos, mas nem tanto em outros lugares do mundo. Nos dias atuais, é como se houvesse certa tendência à assepsia com relação à morte e ao morto. Os rituais de despedida têm lugar e tempo específicos para ocorrerem e os cemitérios estão localizados quase sempre distantes do centro das cidades.

Dias depois da morte de Cecília, a casa começa a ser descuidada e a se deteriorar. Assim aconteceu também com as relações entre aqueles que ficaram. O clima de morte, luto e resignação são muito aparentes. A impressão é de um eterno velório. As cinco irmãs que, até então, formavam uma unidade, como se fossem um único ser, haviam perdido uma de suas partes, talvez a mais vital e importante de todas. Cecília se foi.

Revirando suas coisas, as irmãs encontram o diário de Cecília. Ela adorava escrever a respeito de si mesma e de suas irmãs, como se fossem uma única entidade. Escreveu Cecília: somos “uma criatura mítica com dez pernas e cinco cabeças deitada na cama comendo guloseimas” (ibid., p. 38). Uma parte da criatura já havia morrido e logo as outras partes também morreriam. Uma entidade não sobrevive sem suas partes, ao contrário, perece.

Cecília se atirou da janela do primeiro andar da casa e morreu transpassada por uma das lanças da cerca em uma cena que poderíamos chamar de cinematográfica. Os dias que se seguiram foram de especulação por parte de toda a vizinhança. Os vizinhos, que sempre especularam sobre tudo e todos, agora tinham motivos suficientes para continuar fazendo o que melhor sabiam, ainda mais em se tratando de um suicídio.

Lux tinha catorze anos e era a que mais resistia e confrontava as regras dentro da casa e também fora dela. Fumava cigarro escondida desde os doze anos e preferia roupas mais justas e saias mais curtas, mas era sempre repreendida pela Sra. Lisbon. Seus discos de rock foram metade queimados na lareira - com Lux aos prantos - e outra metade jogados no lixo. Se comparada às outras irmãs, era a “desajustada”.

Em certo momento, em um baile do colégio, quando as meninas tentavam retomar suas vidas, Lux se relacionou sexualmente com Trip Fountaine, um garoto popular e sedutor muito desejado pelas meninas adolescentes, mas também por suas mães. Quando mais tarde foi desprezada por Trip, Lux, passou a se relacionar com vários homens no telhado de sua casa na calada da noite, quando todos já haviam ido dormir.

Os homens suando, arriscando-se a processo por estupro, perda de suas carreiras, ao divórcio, só para serem conduzidos escada acima, através de uma janela, para o telhado, onde na neblina de sua paixão dobavam os joelhos e rolavam em poças estagnadas (ibid., p. 123).

Ao todo, foram dezesseis homens que, posteriormente, descreveram de forma objetificada o corpo de Lux, menina de apenas catorze anos: costelas salientes e

inconsistência das coxas. O sexo era sua válvula de escape, sua forma de suportar o peso do mundo. Para os homens adultos, uma fantasia mesquinha ou mesmo uma doença... Lux morreu dentro da perua da família, com o som ligado, intoxicada por monóxido de carbono que saía do motor da perua ligada, com a garagem totalmente fechada. Para os meninos, “Lux Lisbon foi a única que combinou com a imagem que tínhamos das Lisbon” (ibid., p. 25).

Bonnie tinha quinze anos e, no momento da tentativa de suicídio de Cecília, estava em um acampamento para estudo de música. Ela praticava flauta, mas já havia desistido do piano, do violino, do violão e do trompete. Provavelmente, a sequência e alternância de tantos instrumentos e o gosto para nenhum era pretexto para sair de casa por um momento para supostamente aprender partituras. Era a mais religiosa de todas. Gostava de se apresentar como Bonaventure e “tinha a tez amarelada e o nariz afilado de freira” (ibid., p. 25). Morreu enforcada na mesma viga onde se prendiam os enfeites da primeira e única festa que aconteceu na casa: “Era como se a festa nunca tivesse terminado” (ibid., p. 179). Estava de vestido cor de rosa.

Mary tinha dezesseis anos. Foi encontrada com a cabeça dentro do forno a gás. Resgatada pelos paramédicos, passou duas semanas no hospital. De volta à casa, morreu de overdose de soníferos e gin, assim como Thereza, de quem trataremos a seguir. “O cabelo de Mary Lisbon, mais escuro, nascia em ponta sobre a testa; um ligeiro buço acima do lábio superior sugeria que a mãe havia encontrado sua cera depilatória” (ibid., p. 25).

Thereza tinha dezessete anos e, no momento da tentativa de suicídio de Cecília, estava em Pittsburg, em uma convenção científica. De acordo com os meninos, “tinha um rosto mais pesado, faces e olhos bovinos” (ibid., p. 25). Morreu de overdose a partir da ingestão de soníferos e gin, assim como Mary.

Ao analisarmos as cinco irmãs coletivamente, é possível identificarmos que, ao mesmo tempo, elas representavam um lugar de inocência, de pecado e de “castração”. No romance, a sexualidade é tratada como um pecado e as irmãs enquanto modelos ideais de mulheres, que estavam sendo educadas pela mãe, a partir do seu próprio exemplo e experiência, e cuja sexualidade só tinha sentido de procriação e manutenção da família.

O casamento e a maternidade, para Sra. Lisbon, constituem uma vocação divina, exercida por obediência a Deus. Daí a necessidade de vigilância constante com relação às filhas. O mais inocente contato com o sexo oposto sempre motivava preocupação. É

possível arriscarmos que esse modelo ideal de mulher deveria se aproximar do da Virgem Maria, mãe de Deus.

Na passagem a seguir, que narra os momentos seguintes à tentativa de suicídio de Cecília, isso nos parece mais claro:

O cabelo molhado pendia nas costas. Suas extremidades já estavam azuladas. Ela não disse uma palavra, mas quando lhe apartaram as mãos, acharam um santinho laminado da Virgem Maria, que ela segurava contra os seios em formação (EUGENIDES, 2008, p. 7).

As meninas, assim como a mãe, deveriam ser submissas e passivas, recolhidas ao espaço do lar. Até hoje, é de costume enquadrar a mulher de acordo com seu comportamento. É uma prática discursiva masculina e uma forma de aprisionamento da mulher.

Porém, durante todo romance, não é raro encontrarmos manifestações de resistência por parte das meninas, especialmente por parte de Lux. Ela se contrapõe a determinados valores: pensa, deseja, age de forma totalmente oposta aos padrões da família, finge o tempo todo seguir as regras. É a expressão do próprio desejo e do erotismo. A exposição pública no telhado da casa, no exercício de sua sexualidade, é a maior prova disso. Ao expor seus desejos, estava infringindo códigos morais estabelecidos que determinavam o que era certo e errado, o que era permitido e o que era proibido às mulheres. A manutenção da virgindade simbolizava também a manutenção da honra da família enquanto a perda da virgindade poderia ser encarada como desonra. Os suicídios, então, neste contexto, soam como um castigo que ambas impuseram a si mesmas. Essa é uma possibilidade, mas existem outras...

A impossibilidade de adequação às regras e códigos morais, o comportamento por vezes transgressor que é característico da adolescência, as regras que visivelmente estavam ultrapassadas e, por isso, inadequadas ao contexto histórico que se passa o romance, são alguns dos motivos que levaram as meninas a um comportamento contraditório, tenso e, por vezes, confuso: o conflito entre o que é permitido e proibido foi resolvido de forma radical e irreversível.

Toda essa trama, resumidamente contextualizada até aqui, desenrolava-se aos olhos de uma multidão de pessoas. Desde a arquitetura e a decoração da casa, as roupas das meninas que eram confeccionadas pela mãe, as idas à igreja, as entregas do correio, até a forma como podavam o jardim, enfim, a forma com que os Lisbon produziam e reproduziam suas vidas, era tudo o tempo todo objeto de especulação de toda a

vizinhança. A família, no geral, vista como “estranha”, atraía olhares sempre carregados de juízos de valor preconceituosos e pejorativos. Cada passo, cada movimento da família interessava mais aos vizinhos do que a vida deles próprios. No caso dos meninos, o interesse era pela intimidade das meninas e, quem sabe, pela realização do sonho coletivo de se aproximarem delas e tocá-las.

Mesmo quando reclusas no interior da casa, as irmãs eram observadas a distância pelos meninos da rua. Quando acendiam ou apagavam as luzes, quando iam do andar de baixo para o andar de cima da casa, quando brincavam umas com as outras, todos os seus movimentos eram meticulosamente observados, em uma espécie de vigília constante com ares de sagrado, na tentativa de descobrirem o que é que se passava na cabeça delas. Duas décadas depois da morte das cinco irmãs, essa vigília, de certa forma, ainda permanecia. É a partir desse tempo histórico, duas décadas depois, que a história é contada pelos meninos.

### **2.2.3. O lugar**

A casa, o bairro e a cidade são bem mais que espaços físicos ocupados por seus moradores. São também espaços simbólicos nos quais se manifestam o imaginário de seus habitantes. São, antes de tudo, os lugares dos sonhos e das utopias, mas também de tensões e violências. Nesse sentido, escreve Pesavento:

(A cidade) comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos (...) A cidade é concentração populacional (...) cidade lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (2007, p. 14).

A casa, o bairro e a cidade manifestam grande complexidade e multiplicidade de fenômenos. São fenômenos urbanos que podem ser analisados a partir de uma perspectiva descritiva, mas também a partir da busca por vestígios imateriais que expressam o sensível, as sociabilidades, as representações e o imaginário que extrapolam o campo material. É no século XX, um século de rápidas e intensas transformações, que mais uma vez foi possível repensar a História como ciência, ampliando a possibilidade de análise e seus objetos de estudo.

Grosse Pointe é a cidade onde é ambientado o romance, uma cidadezinha que fica a treze quilômetros de Detroit, em Metro Detroit. É o que costumamos chamar de



região metropolitana e que, apesar de ficar na periferia da cidade grande, também integra a metrópole. Detroit é conhecida como a Motor City (“cidade dos automóveis”) e foi o berço da produção em massa de automóveis até meados da década de 1950 (DYMOND, 2013). De lá para cá, vem enfrentando diversas crises. Obviamente, essas crises também refletem com maior ou menor intensidade nas suas regiões periféricas. Grosse Point, na década de 1970, não possuía nenhuma indústria e os homens, enquanto operários das fábricas montadoras de veículos, deslocavam-se para Detroit em busca do emprego que começava a minguar. É partir dessa década, mesmo tempo histórico no qual se desenvolve o romance, que a cidade de Detroit deu início a um declínio exponencial devido principalmente à concorrência que se estabeleceu com a indústria automobilística que florescia tanto em outros estados americanos, quanto em outros países, como Alemanha e Japão (TORCOLACHI et al., 2016). Em praticamente meio século a cidade foi se esvaziando.

No romance, esse processo fica evidente na passagem a seguir:

Devido às demissões em massa nas fábricas de automóveis, raramente passava um dia sem que alguma alma desesperada se afogasse na maré de recessão, homens encontrados nas garagens com os carros ligados, ou embolados nos chuveiros, ainda usando a roupa do trabalho. Só assassinos-suicidas tinham direito ao jornal, e assim mesmo na página três ou quatro, reportagens de pais que fuzilavam a família antes de voltar a arma contra si mesmos, descrições de homens que ateavam fogo às suas próprias casas depois de trancar as portas (EUGENIDES, 2008, p. 80).

A experiência do sofrimento se dá de várias formas e em diferentes situações e lugares, chegando ao extremo do assassinato seguido de suicídio como narrado no romance.

Detroit da década de 1970 era uma cidade em plena decadência econômica e financeira, o que reflete também em uma possível decadência dos valores morais e os altos índices de suicídio. Uma individualização excessiva e egoística pode levar os indivíduos à morte voluntária, assim como uma grave crise econômica, acompanhada de desemprego e retração do consumo.

No *Portal Sociologia*, em breve reportagem sobre *A Era Detroit*, escreve o jornalista Luis Nassif:

Nessa época (década de 70 e início dos 80), os bons tempos já tinham terminado para esta festejada metrópole da modernidade. Em meio século, Detroit perdeu quase um milhão de pessoas, ou metade de sua população. Muitos prédios do centro, inclusive o *United Artists Theater* e a estação de trem majestosa, foram abandonados. Quando os

últimos locatários deixavam os prédios de apartamentos, o aquecimento era simplesmente desligado e a eletricidade desconectada. A água vazava para os prédios vazios, o gelo rachava as paredes e colunas, e as janelas se estilhaçavam. O resultado foi uma visão quase gótica de declínio<sup>17</sup>.

Esse estado de completa mudança e deterioração também pode ser observado com relação à casa dos Lisbon que, em momento posterior à morte de Cecília, foi abandonada e, assim como os que ali habitavam, começou a deteriorar.

No romance, a partir do material produzido pelo canal de televisão local – incluindo a produção de panfletos – e que teve como motivação o suicídio de Cecília, Eugenides nos fornece dados estatísticos importantes sobre o fenômeno do suicídio referentes àquela época.

Os panfletos não mencionavam a morte de Cecília, pesquisando em vez disso a causa de suicídios em geral. Aprendemos que havia 80 casos de suicídios por dia na América, 30.000 por ano, uma tentativa ou suicídio a cada minuto, um suicídio a cada 18 minutos, que para cada três ou quatro homens que se suicidavam, três mulheres o tentavam, que mais brancos do que pessoas de cor cometiam suicídio, que a taxa de suicídios entre os jovens (15-24) havia triplicado nas últimas quatro décadas, que o suicídio era a segunda causa de morte entre os estudantes do secundário, que 25% de todos os suicídios ocorrem no grupo de 14-24, mas que, contrariamente ao que seria de se esperar, a mais alta taxa de suicídios é de homens brancos acima dos 50 anos (EUGENIDES, 2008, p. 84).

Os dados parecem ter sido extraídos de pesquisas da Organização Mundial de Saúde, tamanha a precisão. Já na década de 1970, o suicídio já poderia ser considerado um problema de saúde pública e até mesmo uma epidemia que assolava os Estados Unidos, mas que ganhava maior amplitude em cidades em franca decadência, assim como Detroit.

Em uma reportagem do *The New York Times*, de 22 de fevereiro de 1987, encontramos o seguinte título, bastante revelador das estatísticas sobre o suicídio nos Estados Unidos, sobretudo de adolescentes da década de 1970, período em que se passa o romance: *Youth suicide is rising* – “O suicídio de jovens está crescendo”.

Jovens americanos de 15 a 24 anos estão se matando a uma taxa 50% maior do que no início da década anterior, de acordo com um novo estudo federal. De 1970 a 1980, a taxa de suicídio de adolescentes mais velhos e jovens adultos, tanto homens quanto mulheres,

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.sociologia.com.br/o-fim-da-era-detroit-e-o-dia-do-trabalho-no-brasil/>>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

aumentou 40%, relatou quinta-feira o Centro Nacional de Controle de Doenças.

Um total de 49.496 americanos entre 15 e 24 anos cometeram suicídio nos anos 1970<sup>18</sup>.

Segundo Eugenides (2008, p. 82), os Estados Unidos enfrentavam uma crise nacional de suicídios. A pesquisa do *National Center for Biotechnology Information* afirma que, em 1970, adolescentes e jovens adultos entre quinze e vinte quatro anos se suicidavam na proporção de 8,8 para cada 100.000 habitantes, o que sobe para 12,3 suicídios para cada 100.000 habitantes em 1979<sup>19</sup>. Um aumento considerável de quase 45% no número de suicídios nesta faixa de idade durante a década de 1970 e que corrobora com a informação do *The New York Times*. Exatamente a mesma idade, período e local escolhidos por Eugenides para contar a trágica história das cinco irmãs.

O bairro onde se passa a história é um típico bairro de classe média do subúrbio americano, aparentemente harmonioso, mas que, a partir de um olhar mais atento, mostra-nos seus conflitos e contradições. Eugenides escreve que a Câmara do Comércio de Grosse Pointe se preocupou menos com o aumento de compradores negros, que aproveitaram certa “abertura econômica” enquanto a crise se acentuava. Os imóveis começaram a desvalorizar e, por conta disso, algumas regras sociais anteriormente estabelecidas com relação à “raça” e cor foram afrouxadas (EUGENIDES, 2008, p. 84).

Segundo o autor, negros corajosos vinham se infiltrando no bairro – que era formado por uma classe média branca predominantemente cristã – há aproximadamente um ano, embora geralmente fossem mulheres que se misturavam com as empregadas. “Nada nos chocava mais que a visão de um negro fazendo compras em Kercheval (Kercheval Avenue liga Grosse Pointe a Detroit)” (ibid., p. 84).

Isto quer dizer que, além dos problemas com relação ao desemprego e ao suicídio, o bairro também começava a enfrentar de uma forma mais escancarada os conflitos raciais que, na verdade, sempre existiram, mas que agora ganhavam destaque, na medida em que a população afro-americana começa a adquirir imóveis, ascendendo socialmente e ocupando posições que, tradicionalmente, eram ocupadas por brancos, deixando de frequentar espaços públicos somente ocasionalmente e na condição de empregados (“criados”). As tensões de toda espécie aos poucos vão mostrando que aquela aparência idílica de um bairro suburbano pacato não passava de aparência e que

---

<sup>18</sup> Em tradução livre.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1586156/>>. Acesso em 22 de setembro de 2020.

todos que ali se relacionavam estavam também submetidos a todo tipo de sofrimento que, às vezes, tornava-se insuportável.

O narrador durante o romance se refere à casa a partir de uma série de analogias: um orfanato de freiras, uma prisão (que é a analogia mais óbvia), um *bunker*, mas também a chama de um grande caixão. Estes são, antes de tudo, locais de sofrimento ou, quando muito, locais de sobrevivência e privação. Por isso, a casa pode ser analisada como uma espécie de instituição de internação, que isola indivíduos potencialmente perigosos ou que têm dificuldade em se adequar às normas. Mais ou menos, as meninas se viam dessa forma, pelos olhos dos outros se viam como “anormais”.

De qualquer forma, todas as atenções estavam voltadas para lá e, assim como uma prisão, manicômio, convento ou educandário, atraía a curiosidade de todos que estavam para além daqueles portões, não só dos meninos apaixonados: “Os tijolos amarelos mantinham seu jeito de orfanato de freiras e o silêncio no gramado era absoluto” (ibid., p. 23). Notemos que esse é o clima que antecede à primeira e única festa que foi dada na casa, posterior à tentativa de suicídio de Cecília. Padre Moody completa a visão estranhada que os meninos tinham sobre a casa quando afirma que: “era uma mistura de capela funerária com armário de vassouras. Aquelas flores todas. E a poeira” (ibid., p. 48).

A casa da família Lisbon talvez não pudesse ser chamada de lar. A ideia que temos desse conceito nos remete a um ambiente salubre, seguro e minimamente feliz. E felicidade, no sentido de satisfação, é o que menos encontramos ali. O Sr. e a Sra. Lisbon são representados como pessoas resignadas. A impressão é de que estão insatisfeitos com aquilo que se tornaram, mas que não havia mais tempo para mudança. O trabalho é frustrante, o casamento se desgastou, a vida religiosa é sempre monótona e as filhas avançam para a adolescência com um ímpeto de descumprir as regras. Esse microcosmo tenso e conflitante no interior da casa e da família não era muito diferente da vida do lado de fora. Como dito anteriormente, para os meninos e, no geral, para toda vizinhança, era mais interessante cuidar da vida do outro do que de sua própria vida.

Em se tratando do suicídio como fenômeno social, é muito improvável chegarmos a uma conclusão definitiva sobre o tema. Fato é que, em termos gerais, a análise do romance a partir dos escritos de Marx nos deixa claro que as irmãs Lisbon não sofriam de qualquer transtorno ou desvio mental, tampouco de um quadro depressivo ou tristeza crônica. O suicídio em série das cinco irmãs tem sentido de interrupção de uma vida sem sentido, em um ato deliberado, intencional, programado e

altruísta com relação à sociedade. Um aviso aos que ficam de que as coisas não estão nada bem.

A época, o lugar, o momento histórico pelo qual passava a sociedade norte-americana, o período que corresponde à adolescência do próprio autor, agora nos fazem muito sentido e colocam o romance de Eugenides em condição de destaque, quando lança mão da problematização de tão importante tema. Para além de um romance de ficção, *As virgens suicidas* é também um relato de denúncia de um mundo onde o adolescente procura o tempo todo pelo seu lugar e, muitas vezes, não o encontra. Em um mundo onde tudo é passageiro, inclusive, nossos relacionamentos, Eugenides deixou seu recado ecoando até hoje.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *As virgens suicidas* de Jeffrey Eugenides é, ao mesmo tempo, uma forma de colocar o livro e a literatura como parte constitutiva de uma realidade histórica, sendo assim, testemunho dela. O texto é convincente e articulado a ponto de dar a impressão de verdade. Como dito na introdução deste capítulo, ficção não é pura fantasia, mas uma construção a partir de algo que deixou indícios.

Ao tratarmos a narrativa do romance enquanto história-problema, foi possível pensar sobre o suicídio das cinco irmãs e suas causas. Ao cruzarmos as mortes das irmãs Lisbon e a memória do suicídio de meu avô Francisco, partindo da perspectiva histórica e sociológica de Marx em *Sobre o Suicídio*, foi possível perceber que meu avô também pertencia a determinado tipo social, podendo ser considerado também um retrato representativo de determinada época e realidade. Era um homem de idade avançada que, por vezes, experimentou de situações vexatórias com relação à minha avó, Carmela.

Dona Carmela sofria de um tipo específico de demência e perda de memória. Por conta de sua doença incapacitante, acabava colocando meu avô em situações, digamos, constrangedoras. Frequentemente, perguntava às visitas pela sua própria mãe, morta há décadas, “ciscava” como galinhas na sala de estar e acusava as pessoas de terem roubado seu guarda-chuva. Meu avô, de ascendência italiana, era um homem, ao mesmo tempo, embrutecido e honrado pelo trabalho duro. Pai de uma dezena de filhos, não suportou as pressões da vida cotidiana e da velhice, encerrando sua vida de forma corriqueira, projetada, casual, na hora do almoço e com um fio de telefone. Sem alarde, sem recado, sem qualquer espetáculo. Não queria se transformar em um fardo para os outros nem para si mesmo.

Portanto, não são só as limitações físicas – nesse caso, sua visão debilitada e as dores nas costas – que podem ser considerados motivos suficientes para pensarmos que a vida se transformou em sofrimento a ponto de não mais valer a pena ser vivida. As pressões e tensões sociais, nesse caso, são as principais causas que nos ajudam a entender o fenômeno do suicídio. No caso do romance de Eugenides, ao contextualizarmos a família Lisbon, demonstramos que o cuidado com a casa e as filhas ficava a cargo da mãe, que experimentava o sentimento de culpa por ter falhado e permitido a morte das filhas.

No intuito de esclarecer um processo histórico e as relações que são produto deste, passamos a considerar que a obra literária não foi criada para ser um testemunho e quem define esta finalidade é o historiador. O autor do romance, por sua vez, fala por meio de sua própria voz, mas também através de seus personagens principais e secundários. Ao falar das irmãs adolescentes, fala também sobre si mesmo, sempre de forma seletiva, apontando para uma direção/intenção: o problema do suicídio na sociedade contemporânea, mais especificamente do suicídio de adolescentes, tema que muito vem sendo negligenciado.

O livro, então, serviu como ponto de partida para pensarmos a problemática do suicídio a partir do tempo presente. A abordagem sobre suicídio na adolescência desenvolvida por Eugenides colocou este assunto em evidência à época de sua publicação e nos permite ver as mortes das cinco irmãs como elemento social e histórico. Não menos importante, a memória do suicídio de meu avô também se tornou mais clara para mim a partir do enfoque histórico que nos foi possível construir aqui.

Finalizando, em termos históricos mais gerais, consideramos que é na modernidade que o fenômeno do suicídio assume uma nova dimensão e complexidade. Com a consolidação do modo de produção capitalista, estabelece-se também um novo tipo de sociabilidade, pautada na produção e no consumo de mercadorias, na expropriação e na alienação do trabalho. Esta lógica de produção capitalista tem a capacidade de (in)gerir ações destrutivas, inclusive a morte voluntária.

O suicídio é um elemento intrínseco à experiência humana. Porém, é no capitalismo que ele encontra sua dimensão por vezes mais complexa. Há um comprometimento na capacidade humana de ampliação da subjetividade, resultando em uma vida inautêntica, condição deveras apropriada para a efetivação da morte voluntária. O ser inautêntico, produto do capitalismo, cuja personalidade e individualidade estão amplamente determinadas pelas necessidades socio-reprodutivas do capital, está propenso ao suicídio.

A sociedade contemporânea, no geral, não admite a morte e menos ainda a morte voluntária. Como dito anteriormente, o suicídio pode representar fracasso, impotência e vergonha. Se o corpo é um instrumento de produção, o suicídio pode ser encarado como uma negação do capitalismo. No caso das irmãs, acredito que isso tenha ficado claro. No caso de meu avô, é possível afirmar que, mesmo lúcido, estava incapacitado para o trabalho e vinha se tornando um fardo para ser carregado por ele próprio e pior ainda, pelos que estavam à sua volta. Motivo suficiente para o suicídio.

No caso do romance de Eugenides, a casa, o bairro, a rua, o colégio serviram de pano de fundo na criação de um microcosmo que legitimou, através dos valores dominantes, aquilo que se supôs ser o certo e o errado, permitido ou proibido. Toda essa pressão fundamentada na proibição exagerada, muito provavelmente, tornou a vida das irmãs insuportável ao ponto de se matarem. O suicídio é, dessa forma, uma resposta e uma consequência estranhadas de violências e de sofrimentos sociais.



## REFERÊNCIAS

**ATLAS DA VIOLÊNCIA.** Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

BERTOLETE, J. M.; SANTOS, C. M. & BOTEGA, N. J. Detecção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Botucatu-Campinas-São Paulo – SP, v. 32, supl. II, out. de 2010.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Ministério da Educação, Assessoria da Comunicação Social. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: MEC/ACS, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Agenda de Ações Estratégicas para a Vigilância e Prevenção do Suicídio e Promoção da Saúde no Brasil: 2017 a 2020.** Brasília-DF, 2017. 34 p. Disponível em: .<[https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/cartilha\\_agenda-estrategica-publicada.pdf](https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/cartilha_agenda-estrategica-publicada.pdf)>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

CHIAPPINI, Ligia. Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. **Literatura e Sociedade**, v. 5, n. 5, 2000. Disponível em: .<<http://www.revistas.usp.br/lis/article/view/18276>>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

COMBINATO, D. S. & QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, n. 11, v. 2, p. 209-216, 2006.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: estudo de Sociologia.** 2. ed. Lisboa: Editora Presença (Portugal), Livraria Martins Fontes (Brasil), 1977.

\_\_\_\_\_. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

\_\_\_\_\_. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DYMOND, J. Cidade americana de Detroit declara falência. **BBC NEWS BRASIL**, 24 de julho de 2013. Disponível em: .<

[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130724\\_aprenda\\_detroit](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130724_aprenda_detroit)>. Acesso em 25 de fevereiro de 2021.

ECKARDT, S. Jeffrey Eugenides Is Open to Any and All Ultra-Experimental Interpretations of *The Virgin Suicides*. *W Magazine*, 10 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.wmagazine.com/story/jeffrey-eugenides-fresh-complaint-book/>>. Acesso em: 22 de setembro de 2020.

EUGENIDES, Jeffrey. **As virgens suicidas**. São Paulo: Companhia das Letras, Editora Schwarcz, 2008.

FOLHA informativa: Suicídio. **Organização Pan-Americana de Saúde e Organização Mundial de Saúde**, agosto de 2018. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839)>. Acesso em 11 agosto de 2020.

GAMA-KHALIL, M. M. A literatura e o gesto do suicídio. In: PRATA, V. & MILANEZ, N. (Orgs.). **Filosofias do suicídio**: quando o corpo tem vez. Vitória da Conquista: Labedisco, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. 6. ed. Lisboa: Editora Presença, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005b.

GOETHE. **Os sofrimentos do jovem Werther**. 1 ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

GRECCO, G. L. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 6. n. 11, julho de 2014.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, Unesp, 1999.

LÖWY, Michael. Um Marx insólito. In: MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

LUCAS, Isabel. Como amar depois de Eugenides. **Ípsilon**, 2014. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/01/24/culturaipsilon/noticia/como-amar-depois-de-eugenides-330009>>.. Acesso em: 13 agosto de 2020.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. 15ª edição, São Paulo, Paz e Terra, 2005.

MARX. **Sobre o suicídio**. 1. ed.. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MINOIS, G. **A história do suicídio**: a sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

OBP & CNM. Cartilha Suicídio: informando para prevenir. 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, jan. de 2006. Disponível em: [.<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>](https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560). Acesso em: 12 de agosto de 2020.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, v. 27, n 53, jun. de 2007.

PIMENTEL, A. F. **Suicida!** Rio de Janeiro: Fauchon & C., 1895.

PEPELARD, A. & VANNIER, P. Detroit, retrato do pós-crise. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 30ª ed., jan. de 2010. Disponível em: [.<https://diplomatique.org.br/detroit-retrato-do-pos-crise/>](https://diplomatique.org.br/detroit-retrato-do-pos-crise/). Acesso em 20 de janeiro de 2021.

QUEIROZ, José Benevides. A Ausência do Suicídio Enquanto Objeto de Estudo na Sociologia Brasileira. In: XVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2017, Brasília. **Anais [...]** Brasília, DF: Universidade Federal do Maranhão, 2017.

REZENDE. “O tema é a adolescência e o primeiro amor”, diz Eugenides. **Folha de São Paulo**. 1994. Disponível em: [.<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/08/ilustrada/7.html>](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/8/08/ilustrada/7.html). Acesso em: 11 de agosto de 2020.

SANTOS, A. J. & ALMEIDA, J. R. M. Ensaio acerca da relação entre suicídio e a reprodução do Capital. In: PRATA, V. & MILANEZ, N. (Orgs.). **Filosofias do suicídio: quando o corpo tem vez**. Vitória da Conquista: Labedisco, 2016.

SENA JUNIOR, G. F. Realidade *versus* ficção: a literatura como fonte para escrita da história. In: **VI Simpósio Nacional Estado e poder: cultura. Anais VI Simpósio Nacional Estado poder: cultura**, São Cristóvão-SE, 2010.

SUICIDE in the world. Global Health Estimates. **World Health Organization**, 2019. Disponível em: [.<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 13 de agosto de 2020.

SUICÍDIO: informando para prevenir. **Associação Brasileira de Psiquiatria**, Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio, Brasília: CFM/ABP, 2014.

THE NEW YORK TIMES. Youth suicide is rising. 22 de fevereiro de 1987. Disponível em: [.<https://www.nytimes.com/1987/02/22/us/youth-suicide-is-rising.html>](https://www.nytimes.com/1987/02/22/us/youth-suicide-is-rising.html). Acesso em: 22 de setembro de 2020.

TORCOLACHI, A. et al. A Globalização e seus contrastes em Detroit. **A cidade e o urbano**. 2016. Disponível em: [.<https://acidadeeurbano.wixsite.com/blog/single-post/2016/10/04/A-Globaliza%C3%A7%C3%A3o-e-seus-contrastes-em-Detroit>](https://acidadeeurbano.wixsite.com/blog/single-post/2016/10/04/A-Globaliza%C3%A7%C3%A3o-e-seus-contrastes-em-Detroit). Acesso em 20 de setembro de 2020.

SOUTO, L. Os dois filhos dela cometeram suicídio: “Inevitável não se sentir culpada”. **UOL**, 24 de outubro de 2019. Disponível em:

.<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/24/os-dois-filhos-dela-cometeram-suicidio-inevitavel-nao-se-sentir-culpada.htm>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.